



Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros

Julho - Agosto de 2004



Missão
Toda igreja
pode crescer

Sexualidade
Presente de Deus

A eterna aliança uma visão progressiva

Heber 04



O supremo pastor

Willmore Eva
Editor de Ministry

Temos dito, lido e escrito muitas coisas a respeito do que seja um pastor perfeito. Por que dizemos tão pouco sobre Jesus como a insuperável expressão desse ideal?

Quando o próprio Jesus Cristo e outros escritores do Novo Testamento fazem repetidas referências a Ele como um pastor, usam uma palavra que identifica alguém que dispensa um cuidado terno, zeloso e desmedido pelo rebanho. Nos idiomas latinos o sentido é o mesmo. De modo que quando o Novo Testamento e o próprio Jesus falam do “bom pastor” pode-se dizer que a referência é a Cristo como o “bom Pastor”.

O que isso significa para nós? A maneira mais direta para expressar esse significado é refletir sobre algumas dentre as bem conhecidas passagens que falam do Pastor. João 10:11, por exemplo: “Eu sou o bom Pastor. O bom Pastor dá a vida pelas ovelhas.” E Pedro aconselha: “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sordida ganância, mas de boa vontade. ... Ora, logo que o Supremo Pastor Se manifestar, receberéis a imarcescível coroa da glória” (I Ped. 5:2 e 4). Aqui está outro exemplo: “... Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas...” (Heb. 13:20).

O quadro que Jesus faz de Si mesmo como o “bom Pastor” provê os pastores modernos com um meio fundamental de não apenas contemplarem a Cristo, mas examinar o coração do trabalho pastoral. Jesus, como o Pastor definitivo, supre-nos com nossa identidade única como homens chamados por Deus para amar as pessoas, liderá-las espiritualmente, evangelizá-las, curá-las, encorajá-las, ensiná-las e proclamar-lhes esperança e fé.

Quando examinamos a face desse papel designado a Jesus Cristo, compreendemos que ele não é simplesmente uma visão singular, charmosa ou tocante do ministério de Jesus. Ao contrário disso, é o modelo que somos chamados a imitar. Como Jesus tratou as pessoas e o que sentiu a respeito delas, quais foram Suas atitudes inatas para com elas, de que modo Ele pensou, ensinou,

viveu por elas e amou-as; tudo isso define para nós o que é pastorear.

O modo como Cristo pastoreou é nosso modelo de pastorado. Ele é nosso Mentor diante de qualquer pessoa ou qualquer coisa. Está acima dos melhores livros, seminários, e nossos mais inspiradores modelos humanos. Como o bom Pastor, Jesus Cristo encontra-Se muito além e acima dos mais estupendos cabedais de idéias e visões do que constitui o pastorado. Não é que esses conceitos não tenham seu lugar, mas eles devem ocupar uma posição secundária, enquanto buscamos descobrir, na pessoa de Jesus Cristo, a essência do nosso chamado.

Devemos consultá-Lo, como nosso oráculo conclusivo, de modo que Ele possa realmente gravar em nossa alma a descrição do nosso trabalho. Por Suas divinas expressões no Novo Testamento e através da revelação do Espírito santo, Ele deve tornar-Se para nós o conselheiro maior, nosso consultor insubstituível e insuperável.

Em seu livro, intitulado *Jesus the Pastor*, John Frye trata da maneira como Jesus, através de Seu ministério às pessoas, considerava a vocação pastoral. Frye aborda temas como o coração da visão pastoral no dia-a-dia do trabalho do Mestre. E, à luz do que Ele fazia, Frye aponta o que realmente leva

poder autêntico à tarefa desempenhada pelo pastor.

O último capítulo do livro, se fosse o único, já o tornaria digno de ser lido. Uma das afirmações mais notáveis, que me causou profunda impressão, diz o seguinte: “Há ocasiões quando o melhor treinamento, os mais sábios princípios e os procedimentos mais efetivos mostram-se inúteis diante das realidades do pastorado. Quão freqüentemente você desejou não um método, mas um mentor? Alguém cuidadoso o bastante para unir-se a você nos vales, e suficientemente sábio para guiá-lo com segurança através dos mais intrincados problemas?... Tal pessoa existe: Jesus.”

Embora alguns possam considerar tal clamor um exagero típico de pretensões extravagantes que às vezes alimentamos, a verdade é que ele expressa uma experiência que é real em nosso ministério. ❧

O modo
como Cristo
pastoreou
é nosso modelo
de pastorado.

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Ildete Silva e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Programação Visual: Alexandre Gassul Streicher
Capa: Heber Pintos

Colaboradores Especiais:
James Cress; Alejandro Bullón;
Jonas Arrais; Willmore Eva; Júlia Norcott

Colaboradores:
Acilio Alves Filho; Arlindo Guedes;
Barito Lazo; Fidel Guevara; Jair Garcia Góis;
José Carlos Sánchez; José S. Ferreira;
Moisés Rivero; Rafael L. Monteiro;
Ricardo Palácios; Roberto Gullón

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br>
Serviço de Atendimento ao Cliente:
sac@cpb.com.br
Redação: ministerio@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio

Tiragem: 5.100 exemplares
5953/12518

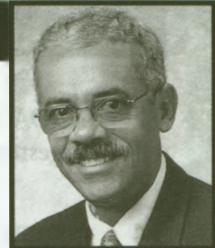
Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970,
Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34,
18270-970 Tatui, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, sem prévia autorização
escrita do autor e da editora.



A Bíblia e os concertos

Segundo o *Dicionário Bíblico Adventista del Septimo Dia*, dois tipos de aliança ou concerto eram comuns nos tempos bíblicos: um que era feito entre iguais e outro que envolvia acordos entre um senhor e um vassalo; um superior e um inferior. No primeiro caso, as duas partes concordavam no que dizia respeito às condições, aos privilégios e responsabilidades constantes do concerto (Gên. 21:32; 26:28). Mas quando a aliança era firmada entre um superior e um inferior, o primeiro especificava as condições, os privilégios e responsabilidades que cabiam às duas partes (II Sam. 3:21; 5:3).

As Escrituras Sagradas costumam descrever o relacionamento existente entre Deus e Seu povo escolhido, usando o termo aliança, ou concerto. Na história de Israel, por se tratar de um concerto feito entre um Ser superior e um inferior, entre o Ser infinito e o homem finito, o próprio Senhor definiu as provisões e as condições, tornou-as conhecidas, e ao povo caberia aceitá-las ou rejeitá-las. Em cada caso onde Deus tomou a iniciativa de firmar um concerto com Seus filhos, como indivíduos ou como nação, Seu objetivo era aproximar-Se mais e mais do Seu povo, num arranjo de companheirismo, a fim de abençoá-lo.

Ratificada a aceitação, as partes envolvidas colocavam-se na obrigação de cumprir os termos propostos no concerto, que envolvia tudo o que era necessário para tornar completamente efetivo o plano da salvação. Foi assim que o Senhor prometeu abençoar Israel, dar-lhe Canaã, revelar-lhe Sua vontade, enviar-lhe o Messias e usá-lo como instrumento missionário. A nação, por sua vez, deveria prestar obediência aos requerimentos divinos.

Toda aliança entre Deus e Seu povo é fundamentada na lealdade. Com isso em mente, podemos identificar três elementos básicos no concerto bíblico. O primeiro é a confirmação da promessa contida na aliança, com um juramento da parte de Deus (Gál. 3:16; Heb. 6:13 e 17). O segundo componente é a resposta do povo, requerida na forma de obediência à vontade do Senhor, conforme expressa nos Dez Mandamentos (Deut. 4:13). Finalmente, o terceiro elemento é o meio através do qual a obrigação da aliança divina é cumprida, a saber, Cristo e o plano da redenção (Isa. 42:1 e 2).

A aliança divina para a salvação do homem estava implícita já na promessa feita a Adão, em Gênesis 3:15. Foi firmada com Noé, Abraão e Moisés, e foi ratificada no Sinai com a nação de Israel. Com a infidelidade israelita, Deus a renovou de modo mais amplo, alcançando o Israel espiritual (Jer. 31:31-34; Mat. 21:43; Gál. 3:29; Heb. 8:8-11; I Ped. 2:9 e 10).

A identificação dessas duas fases da aliança, referidas nas Escrituras como “primeira” e “nova” aliança (Heb. 8:7 e 13), faz com que muitos eruditos argumentem que uma nova dispensação tornou sem efeito o que entendem como velha aliança. Dessa forma, os cristãos estariam desobrigados da obediência à Lei de Deus. Porém, a abordagem feita por Smuts Van Rooyen, nesta edição, representa mais um passo na trilha elucidativa do assunto. **M**

Zinaldo A. Santos

- 11 • TODA IGREJA PODE CRESCER**
Sugestões úteis para o crescimento de qualquer congregação.
- 14 • LÍDERES PARA HOJE**
As três características mais relevantes de liderança nos dias atuais.
- 17 • ALIANÇA PROGRESSIVA**
Uma abordagem elucidativa dos concertos bíblicos.
- 21 • PRESENTE DE DEUS**
O lugar do sexo e da sexualidade na vida do pastor.
- 24 • O CULTO IDEAL**
Como tornar significativa a adoração.
- 28 • REMÉDIO CONTRA AMARGURA**
A solução divina para um sentimento que pode destruir o pastor e sua igreja.

SEÇÕES

- 2** SALA PASTORAL
- 3** EDITORIAL
- 4** CARTAS
- 5** ENTREVISTA
- 8** AFAM
- 9** PONTO DE VISTA
- 16** IDÉIAS
- 31** NOTÍCIAS
- 34** RECURSOS
- 35** DE CORAÇÃO
A CORAÇÃO



Ovelhas feridas

Trabalho como capelão e estou escrevendo para congratular-me com a matéria intitulada "Pastoreando ovelhas feridas" (MI, janeiro/fevereiro 2004). O autor foi muito feliz em abordar amplamente o assunto. Também foi muito apropriado o contexto em que ele foi publicado, ou seja, numa revista especial sobre evangelismo, a propósito do Ano de Evangelização Mundial. Crescimento de igreja não está limitado às conquistas numéricas, mas também à conservação, ao fortalecimento, à nutrição dos conversos.

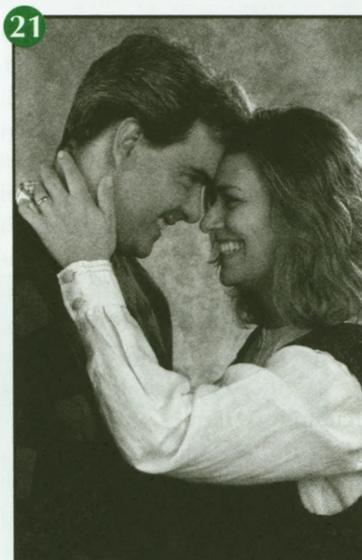
Com isso em mente, nunca é demais lembrar o diálogo entre Jesus e Pedro, após a ressurreição, junto ao mar de Tiberíades: "Depois de terem comido, perguntou Jesus a Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. Ele lhe disse: Apascenta os Meus cordeiros. Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu Me amas? Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. Disse-lhe Jesus: Pastorea as Minhas ovelhas. Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu Me amas? Pedro entristeceu-se por Ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu Me amas? E respondeu-Lhe: Senhor, Tu sabes todas as coisas, Tu sabes que Te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as Minhas ovelhas" (João 21:15-17).

Paul Walker, Vancouver, Canadá

Crescimento pessoal

Quero expressar minha grande apreciação por esta revista. Confesso, com sinceridade, que a leitura dela tem contribuído para meu crescimento espiritual, como indivíduo, e também para o aprimoramento do meu ministério. Minha oração é para que nosso melhor amigo e supremo Salvador Jesus Cristo continue inspirando os editores da revista e os autores dos artigos, de modo que o fruto do seu trabalho possa ser visto no dia-a-dia de cada companheiro, na forma de um pastorado que honre a Deus e muitas pessoas sinceras sendo encaminhadas à cruz de Cristo.

Pastor Austin Okpatah, Ilaro, Nigéria



"Nenhuma igreja cresce saudavelmente sem oração. O poder do Universo é desencadeado em nosso favor somente quando estamos de joelhos."

Rod Long



Teoria colocada em prática

Zinaldo A. Santos

Nascido em um lar cristão luterano, o Pastor Jorge Mário de Oliveira, catarinense de São Francisco do Sul, foi batizado na igreja adventista local aos 12 anos. A mudança aconteceu por influência da escola adventista onde estudava. Desde então, tornou-se ativo nos trabalhos da igreja e, aos 20 anos, sentiu que Deus o chamava para ser um pastor. Concluiu o curso teológico em 1977, no Instituto Adventista de Ensino, IAE, e serviu pastoreando igrejas em Santa Catarina, Goiás, no Distrito Federal, Paraná e em São Paulo.

Mestre em Teologia Pastoral, também lecionou, durante onze anos, matérias nas áreas de Teologia Aplicada e Educação no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Salt, do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp.

De sua união matrimonial com a Professora Márcia Lima de Oliveira, pós-graduada em Orientação Educacional, nasceram dois filhos: Jorge Márcio, casado e obreiro no setor de comunicação do Unasp, e Joni Roger, aluno do terceiro ano de Teologia. Através do correio eletrônico, ele falou à *Ministério* sobre sua experiência pastoral, especialmente quase um ano depois de assumir uma das igrejas mais expressivas da Associação Paulistana.

“Acabo de confirmar que o melhor lugar para ser pastor é estar cuidando de igreja”

Ministério: *É possível lembrar o momento e as circunstâncias em que se sentiu chamado para o ministério pastoral?*

Pastor Jorge Mário de Oliveira: Minha vocação pastoral vem do tempo em que ainda menino as pessoas me chamavam de “nosso pastorzinho”, na igreja luterana de confissão alemã em São Francisco do Sul, SC, minha terra natal. Fui batizado na igreja adventista aos 12 anos, e, dois anos mais tarde, fui nomeado diretor do departamento de Jovens Adventistas na igreja local. Esse envolvimento acentuou o desejo de ser pastor. Mais tarde, aos 20 anos, abandonei a Faculdade de Matemática e o trabalho de cronometrista na indústria de refrigeração Cònsul, em Joinville. Nessa ocasião, eu havia acabado de participar de um congresso de jovens em Gramado, RS, em dezembro de 1973, cujo tema era “Cristo, conta comigo agora!”. Em pouco mais de um mês, no dia 1º de fevereiro de 1974, cheguei ao IAE, em São Paulo, para cursar Teologia. Foi uma das grandes decisões de minha vida.

Ministério: *Até pouco tempo atrás, o senhor estava lecionando. Agora, na prática, a teoria é outra coisa?*

Pastor Jorge Mário: Deus me deu o privilégio de ensinar no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia,

por onze anos. Sempre procurei tornar o mais prática possível a teoria. E nisso fui beneficiado, porque minhas matérias na área da Teologia aplicada e algumas da área de Teologia Educacional me permitiam fazer isso sem muita dificuldade; portanto, não tenho sofrido com a prática daquilo que ensinei na teoria. Sinto-me como “um peixe dentro d’água” na liderança de uma igreja. Servi como professor, e foi um período muito bom; mas sempre cuidei para não perder a identidade pastoral. Acabo de confirmar que o melhor lugar para ser pastor é estar cuidando de igreja.

Ministério: *Como é a sua atual igreja?*

Pastor Jorge Mário: Assumi o distrito pastoral do Riacho Grande (Batistini), na Associação Paulistana, no dia 2 de agosto do ano passado. A igreja sede é conhecida como igreja do Riacho Grande que, neste ano, comemora seu jubileu de prata. Fica fora da cidade, em um lugar muito lindo, às margens da Represa Billings, no município de São Bernardo do Campo. Atualmente temos pouco mais de 300 membros ativos, que residem espalhados na área metropolitana de São Paulo. As belezas naturais combinadas com a arquitetura do templo convidam à adoração. É um agradável desafio liderar uma igreja como esta.

Ministério: *E o que dizer quanto ao crescimento evangelístico, ao envolvimento missionário da congregação?*

Pastor Jorge Mário: O envolvimento missionário é igual ao de qualquer congregação adventista do sétimo dia na atualidade. O grupo que está disposto a testemunhar de sua fé ainda não é muito grande, mas há pessoas inflamadas com o desejo de partilhar as verdades da Bíblia e o têm feito com sucesso. O grande desafio da igreja do Riacho Grande é alcançar pessoas da classe social média alta. Só que essa gente demora em tomar a decisão pelo batismo. Muitos frequentam a igreja durante muito tempo, consideram-se adventistas, mas encontram dificuldades para viver as doutrinas do adventismo bíblico. No que tange ao crescimento evangelístico, faltam-me dados empíricos para fazer uma avaliação precisa. Pela observação superficial, parece-me que possui um crescimento menor do que a média. A igreja possui alguns pontos fortes, e outros em que precisa melhorar. Mas os líderes estão atentos e dispostos a agir. Há uma consciência missionária e forte desejo de salvar pessoas para o reino dos Céus. Estamos buscando métodos alternativos. Se Jesus tardar em vir e esta comunidade não conquistar membros com recursos, terá dificuldades de se autogerenciar dentro de poucos anos.

Ministério: *Por que, no seu entendimento, a maioria dos irmãos não participa das atividades missionárias, e o que poderia ser feito para reverter esse quadro?*

Pastor Jorge Mário: As causas poderiam ser várias. Debilidade espiritual, indiferença, medo, sentimento de incapacidade e outras. Talvez, se evitássemos massificar o enfoque missionário, diversificando os métodos de tal forma que cada pessoa pudesse testemunhar de acordo com os seus dons, a resposta poderia ser mais espontânea.

Ministério: *Quais são os métodos que o senhor julga mais apropriados à realidade de sua igreja?*

Pastor Jorge Mário: Há várias idéias, mas já temos um método em ação. Descubri que, para a realidade da igreja, o ideal é envolver os membros em pequenos grupos. Estou convicto de que, no momento, esse é o melhor caminho e nesse programa concentraremos os maiores esforços. As últimas conversões foram de pessoas alcançadas por esse mé-

todo divino. Convidamos o Dr. Ricardo Norton, professor da Universidade Andrews, Estados Unidos, para ministrar um curso sobre a formação de pequenos grupos. Pela graça de Deus, a igreja está motivada e já temos alguns grupos em formação. Estou esperançoso de que, pelo poder do Espírito Santo, a verdade encontre receptividade entre pessoas com as quais nossos irmãos convivem. Um fato também digno de nota é que a igreja do Riacho Grande é um *point* para casamentos entre os adventistas paulistanos. Estamos planejando alcançar os não adventistas que vêm à igreja nestas ocasiões. Normalmente eles ficam encantados com o lugar. A Escola Sabatina também tem tido um forte programa evangelístico. Cada visita não adventista que vem à nossa igreja em um sábado pela manhã recebe uma Bíblia de presente e uma inscrição na Classe Bíblica. O ministério da recepção e dos interessados

Em nenhum momento o pastor deve deixar de ser um guardião da verdade.

sistematiza o atendimento personalizado de cada pessoa no momento em que chega pela primeira vez, e nos demais dias em que veio à igreja.

Ministério: *Que projetos marcarão a presença da sua igreja no Ano Mundial da Evangelização?*

Pastor Jorge Mário: Percebi que a igreja do Riacho Grande sempre se preocupou com a evangelização. Nos últimos anos, por exemplo, participou ativamente na construção de duas igrejas: Jardim Ipê, hoje sede de um distrito, e a recém-organizada igreja do bairro Las Palmas. Agora temos um novo projeto evangelístico com duração de quatro anos. Primeiramente vamos construir uma nova igreja no bairro Jardim Jerusalém, não muito distante do local onde há um núcleo de irmãos que congregam em um salão alugado. Ali faremos evangelismo por etapas, sendo uma delas, uma campanha de

evangelismo público. Além desse projeto, há, como já foi mencionado, a implantação dos pequenos grupos, o trabalho da Classe Bíblica permanente e o atendimento especial às visitas que vêm às reuniões regulares e aos casamentos. Estamos orando por uma estratégia de evangelização que nos permita alcançar, de forma eficiente, pessoas de classe social média alta.

Ministério: *É possível realizar regularmente a visitação pastoral de casa em casa, numa igreja como a sua, com membros morando espalhados pela Grande São Paulo, como o senhor disse, além do envolvimento deles em suas atividades profissionais?*

Pastor Jorge Mário: Inicialmente, pensei que não seria possível; mas logo descobri ter-me enganado, pois tenho visitado mais do que imaginei que faria. Visitação ainda é a obra pastoral por excelência. O desafio realmente são as grandes distâncias. No entanto, a vida noturna de uma metrópole como São Paulo acaba se tornando um ponto positivo para a visitação pastoral. Em 2004, planejamos realizar esse trabalho com a participação de todos os anciãos. Nosso plano é que cada família receba pelo menos uma visita pastoral a cada ano.

Ministério: *Não é raro ouvirmos observações quanto às dificuldades para se liderar uma igreja, especialmente de grande porte, nos dias atuais. Qual sua opinião sobre isso?*

Pastor Jorge Mário: A sociedade é dinâmica. Sempre foi e continuará sendo assim. A História revela que, no passado, as mudanças eram mais lentas. Parece que os líderes tinham mais tempo para se adaptarem, sem renunciar princípios. Atualmente, por uma combinação de fatores, elas são muito rápidas. O pastor que não consegue identificar essas mudanças pode ser surpreendido com conflitos desnecessários. O líder religioso do momento deve ser um estudioso da sociologia. Conhecendo os dias maus, enfrentará com a Palavra o que é de fato mau. Ao mesmo tempo, tirará proveito das mudanças que são favoráveis ao cumprimento da missão evangélica. Creio que muitas dificuldades administrativas têm a ver com estilos administrativos ultrapassados. Em nenhum momento o pastor deve abdicar da função de guardião da verdade, de levantar bem alto a bandeira

do Príncipe Emanuel. Mas poderá fazer isso de forma a obter o máximo de cooperação e o mínimo de oposição.

Ministério: *E quais são as principais dificuldades que o senhor consegue identificar, na liderança congregacional?*

Pastor Jorge Mário: A situação é a mesma do tempo dos juízes, quando, segundo o relato bíblico, cada qual fazia o que lhe parecia ser certo (Juízes 21:25). O pastor precisa, pelo exemplo, mais do que por palavras, adquirir confiança, credibilidade e respeito. Somente assim as ovelhas conhecerão sua voz e o seguirão. Ele indo à frente; elas, seguindo os seus passos.

Ministério: *Outra observação comum, agora por parte dos irmãos, refere-se aos sermões carentes de substancial conteúdo bíblico, com fortes características promocionais. O que o senhor aconselharia aos pregadores?*

Pastor Jorge Mário: Primeiramente, é preciso lembrar que a grande consequência de tal situação é anemia espiritual. É a Palavra de Deus que alimenta a alma, fortalece a fé, dá forças ao cansado, conforta os aflitos e converte as pessoas. O que passar disso é fogo estranho. Palha seca, palavra do homem, sem vida. Creio que o pastor adventista deve passar mais tempo com a Bíblia. Essa tem sido a minha luta. Com facilidade podemos sofrer de “martite” (doença de Marta), que nos leva a correr de um lado para o outro fazendo a obra do Senhor sem permanecermos aos pés do Senhor da Obra. Como a boca fala do que o coração está cheio, o púlpito padece e a igreja percebe. Quando cheguei à igreja do Riacho Grande, o culto de oração era freqüentado por um grupo bem pequeno de irmãos. Planejei estudar o livro de Salmos. Em cada culto, um salmo seria estudado. Hoje, com a execução do planejamento, realizamos o culto não mais na sala anexa, mas na nave principal do templo, com uma freqüência de 25% dos membros. Para nossa realidade, esse é um índice considerável. O que fazemos diferente? Nada, além do estudo exegético de um salmo. É a Palavra de Deus falando por si mesma. Acho que cada pastor deveria planejar seus sermões. Elaborar um calendário de temas distribuídos ao longo do ano eclesialístico. Dessa forma ele conseguirá equilibrar os assuntos,

suprindo de forma sistemática as necessidades espirituais das ovelhas.

Ministério: *O esforço que alguns pregadores fazem para ser comunicativos e modernos, às vezes produz uma liturgia pobre, com músicas pouco recomendáveis. É tolerável sacrificar princípios da boa liturgia pela modernidade?*

Pastor Jorge Mário: Não creio. Isso é método humano. Por mais que um pastor tente ser “moderno” adaptando-se a formas poucos recomendáveis para a igreja, diante do que o mundo é capaz de produzir com seus recursos e tecnologia, continuará pobre. Nosso diferencial está na Palavra de Deus. É sua exposição simples, agradável, feita com habilidade e na sabedoria que vem do alto, que faz a diferença. O resto é resto. Modismo. Para ver um show, as pessoas têm a televisão; não precisam sair de casa. Quando elas vão à igreja, estão

Um pastor de êxito é conhecido como homem de Deus, guiado pelo Espírito.

desejando e buscando outra coisa. A igreja de Deus precisa ser um farol na escuridão da tormenta em alto mar. A liturgia, a música e os costumes são milenares, e onde quer que formos o padrão será mantido, independentemente da cultura ou das tendências do período. Por que temos de descer a níveis inferiores? Para conquistar adeptos? Gosto do pensamento de Ellen White, segundo o qual “nunca devemos rebaixar o nível da verdade, a fim de obter conversos, mas precisamos procurar elevar o pecador e corrupto à alta norma da lei de Deus” (*Evangelismo*, pág. 137). Embora não esteja falando de liturgia, o princípio é aplicável a ela. Não estou defendendo o tradicionalismo doentio que faz as coisas “porque sempre foi feito assim”, sem que se saiba a razão pela qual se faz. Estou falando de um culto cheio de vida, baseado na Palavra e com os consagrados hinos da hinódia evangélica cristã. Minha

convicção é que, tal como nos dias de Cristo, quanto mais preocupações existirem com o exterior, maior evidência haverá de um interior fraco e doentio.

Ministério: *Como então é possível ter uma liturgia relevante para o homem moderno, sem ferir princípios de solenidade e reverência?*

Pastor Jorge Mário: A igreja precisa se preocupar em ter uma liturgia teocêntrica e não antropocêntrica, como percebemos ser a tendência dos cultos populares dos dias atuais. Em assim fazendo, saberá como ter um serviço de adoração belo, atraente e até contemporâneo, sem ferir princípios da teologia bíblica segundo a compreensão adventista do sétimo dia.

Ministério: *E os cultos nos domingos à noite, praticamente vazios? O que fazer para revitalizá-los?*

Pastor Jorge Mário: A obra não é nossa. Ela é de Deus. Se os cultos de domingo à noite forem relevantes, com sermões fundamentados na Palavra, o povo virá. Para isso, o pastor necessita planejar cultos atrativos, objetivos em conteúdo e duração. Quando as pessoas sabem que não perderão seu tempo com coisas superficiais e vazias, elas respondem positivamente. Como exemplo, basta se fazer uma série de estudos exegéticos em Daniel e Apocalipse que a igreja enche. A boa música é indispensável em qualquer programação; porém, a mera realização de recitais é como fogo de palha. As pessoas logo se enfadam. Mas nunca se cansam da Palavra de Deus apresentada de forma atraente. Eu acho que sei a razão pela qual isso acontece: o Espírito Santo realiza Sua obra de converter as pessoas do pecado, da justiça e do juízo somente quando a Palavra é aberta e explicada.

Ministério: *Defina o que o senhor entende como um pastor de êxito.*

Pastor Jorge Mário: Um homem fiel, zeloso e de boas obras. Um profundo conhecedor da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White. Um homem que mantém comunhão diária com Deus pelo estudo da Bíblia e pela oração. Um homem no qual não há dolo. Confiável. Alguém conhecido na comunidade como homem de Deus. Um servo do Senhor guiado pelo Espírito Santo. Tudo o mais é consequência. **M**

A mulher do sorriso de ouro

“Uma palavra compassiva, um ato de bondade, ergueriam fardos que pesam duramente sobre fatigados ombros”



Mirian Montanari Grüdner

Professora e esposa de pastor em Curitiba, Paraná, Brasil

Lucie e seu marido chegaram ao novo distrito. Muitos problemas e desafios o aguardavam. Lucie sabia das expectativas da igreja em relação ao seu esposo, e via certa preocupação estampada em seu rosto.

O primeiro contato que ela manteve com a igreja foi num sábado pela manhã. Antes de seu marido levantar-se para pregar, ela foi apresentada à congregação. Muitos a olhavam, curiosos, comparando-a com outras esposas de pastores que passaram por ali. Para Lucie, tudo era novidade.

À saída, uma senhora de aparência piedosa se aproxima, esboça um sorriso e a cumprimenta: “Que bom que a senhora está conosco. Tenho certeza de que será uma bênção aqui. Por certo, a senhora deve tocar piano, não é?” Lucie balança a cabeça negativamente e diz: “Não, irmã; eu não toco.” “Ah, então deve cantar muito bem”, arrisca novamente a irmã. “Também não canto, irmã”, responde mais uma vez Lucie. “Que pena! Mas então gosta de trabalhar com crianças”, tenta mais uma vez a irmã, aguardando, pelo menos agora, uma resposta afirmativa. “Bem, ajudo nos departamentos infantis, quando necessário”, responde Lucie, já procurando encontrar um pretexto qualquer para se desvencilhar daquela irmã que mal imaginava o quanto suas perguntas a tinham incomodado.

Lucie, inexperiente ainda, nunca havia se sentido tão inútil diante das expectativas que uma igreja poderia ter a seu respeito. Ficava imaginando o que poderia fazer para ajudar o esposo. Sentia-se distante daquele modelo de esposa ideal. Ela bem que tentara ser pianista. Havia tomado aulas de piano durante quatro

anos, mas sentira que esse não era o seu dom. Quando criança, seu pai contratara um professor para lhe ensinar canto, mas não passou da segunda aula. Cuidar de crianças? Ela também nunca tivera inclinação para isso.

Os dias foram se passando e as perguntas da irmã continuavam martelando na mente de Lucie. “Será que não tenho dom especial com o qual possa ser útil à igreja?”, perguntava-se. Ela chegava sempre bem cedo para as reuniões e sentia um imenso prazer em cumprimentar com um largo sorriso e um aperto de mão cada pessoa que via, ou apenas com um aceno àquelas que estavam mais distantes dela. Seu lugar era sempre no último banco próximo à porta. Dali ela percebia toda a movimentação. Quando notava alguma visita meio esquecida, tratava logo de se aproximar e fazê-la sentir-se bem. Quando via algum irmão ou irmã com ares de tristeza e desalento, escrevia uma pequena mensagem de ânimo e fazia chegar o bilhete àquela pessoa.

Lucie estava sempre sorrindo. Mesmo em casa, cansada e com algo a perturbar-lhe a paz, procurava manter um semblante alegre. Para o marido, isso significava um grande alento. Após um dia cheio de atividades, ele sabia que, ao chegar em casa, encontraria alguém que o receberia com um sorriso especial.

Várias pessoas da igreja já haviam percebido como o sorriso de Lucie era contagiante e, não demorou muito, ela passou a ser conhecida como “a mulher do sorriso de ouro”. Mas Lucie ainda estava procurando descobrir como poderia ser útil à sua congregação.

Certo dia, “a mulher do sorriso de ouro” viu que um homem saía cabisbaixo da igreja. Era a primeira vez que ela o via ali. Aproximou-se dele, o cumprimentou e, com muita simpatia, o convidou para que voltasse mais vezes. O homem voltou, trouxe a família e, mais tarde, tornou-se um incansável missionário. No dia em que ele foi batizado, fez questão de dizer ao pastor: “Quando visitei esta igreja pela primeira vez, prometi a mim mesmo que nunca mais voltaria. Ninguém havia me notado, até que sua esposa com aquele sorriso inspirado fez com que eu mudasse de idéia. Graças a isso estou hoje aqui.”

A pequena nuvem de preocupação sobre a mente de Lucie então desapareceu completamente e um sentimento pleno de satisfação lhe dominou. Agora ela sabia que dom do Senhor lhe reservara. Ela sabia sorrir e continuaria usando esse dom para Sua honra e glória. **M**

Como fazer a oração pastoral

Precisamos refletir antecipadamente no que iremos dizer durante a prece, a fim de que ela não se torne mera formalidade



Elcimal Loureno

Pastor da igreja central de Bauru, SP, Brasil

Um componente de suprema importância no culto de adoração é, sem dúvida nenhuma, a oração pastoral. Os pastores e pregadores em geral gastam boa parte do seu tempo, durante a semana, no preparo do sermão, com o objetivo de alimentar o rebanho do Senhor. Porém, qual o trato dispensado à oração pastoral? Quem será o escolhido para apresentá-la? Será alguém que desempenha, de fato, uma função pastoral na congregação?

Em muitas igrejas, se não na maioria, o pastor faz a oração invocatória e atribui a oração pastoral a qualquer outra pessoa. No entanto, se ela é realmente uma oração pastoral, por que não deveria ser feita por alguém que exerça função pastoral? Que bênção e estímulo resultariam se os irmãos ouvissem o seu pastor orando fervorosamente por eles!

A prática usual de o pastor fazer a oração invocatória e outra pessoa apresentar a oração pastoral é um costume que nem sempre aconteceu dessa maneira. Não sabemos quando mudou, nem se trata de uma tradição adventista. É possível que tenha se iniciado como uma tentativa de conferir mais solenidade e dignidade ao culto, ao tomar o pastor a iniciativa da invocação. Todavia, quando o pastor apropria-se dessa prece e atribui a oração pastoral a qualquer pessoa, observa-se uma inversão de papéis, diminuindo a importância da oração pastoral intercessória no culto solene.

Planejamento

Quando bem planejada, a oração pastoral pode ser uma das partes mais eficazes do culto público para muitas pessoas. Porém, jamais será o caso quando a encaramos como mera formalidade, efetuada simplesmente porque

tem de ser feita. Ellen White opina que nada do que é sagrado, nada do que está ligado ao culto divino deve ser tratado com negligência ou indiferença.¹

A oração pastoral “é uma oração em que o ministro, ou o que ora, se une com a congregação, tornando-se a voz do povo falando com Deus. A sua confissão pessoal deve ser também a da igreja. A sua gratidão pelas coisas espirituais e bênçãos materiais recebidas, também é a mesma da igreja. Não somente um deve ser encorajado a entregar a Deus a sua vida, mas toda a igreja deve sentir esse privilégio. Por isso, o uso do pronome pessoal ‘eu’ está inteiramente fora de lugar, principalmente na oração pastoral”.²

Por meio de cuidadosa preparação e reflexão, a oração pastoral pode ser um frescor e vitalidade, um fervor e relevância que formarão um novo elo entre os membros da congregação e seu Deus. A única maneira de evitar que essa oração se torne mera formalidade é dar atenção especial ao seu preparo.

A oração pública pode adequadamente abranger muitos aspectos, mas desejo chamar a atenção para seis itens: adoração, confissão, agradecimento, petição, intercessão e dedicação.³ É inte-



Daniel Oliveira

ressante planejar somente duas ou três frases curtas para cada uma dessas seis partes, a fim de que a oração não se torne longa e cansativa. A Oração do Senhor, por exemplo, trata de seis aspectos distintos, mas cada um deles é sintetizado numa frase bem curta. É possível tornar a oração inteiramente diferente, focalizando pontos específicos, ao invés de procurar abranger tudo de maneira geral, evitando assim a rotina e a monotonia. Deve-se evitar frases estereotipadas, ouvidas constantemente. É interessante orar por alguma coisa atual e típica das preocupações e necessidades congregacionais.

Adoração

A adoração cristã é primariamente a celebração dos atos de Deus manifestados em Jesus Cristo.⁴ É quando exaltamos o Senhor pela Sua grandeza, misericórdia, bondade e Seu amor. É uma boa ocasião para contemplarmos a gloriosa natureza de Deus e expressar adoração pelo fato de ter Ele enviado Seu Filho amado para morrer em nosso lugar.

Confissão

Depois de expressar nossa adoração a Deus, podemos volver-nos para um reconhecimento da nossa pequenez, indignidade e pecaminosidade. Como podemos pedir algo a Deus antes de Lhe fazermos uma sincera confissão? Ela deve ser incluída para lembrar-nos a realidade do pecado. A confissão deve ser específica o suficiente para tocar as pessoas na sua própria experiência e ajudá-las a ver claramente suas faltas. Mas não é preciso entrar-se em detalhes.⁵

“A confissão misturada com lágrimas e tristeza, que é o desabafo do íntimo da alma, encontra caminho para o Deus de infinita piedade. Diz o salmista: ‘Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado e salva os contritos de espírito’.”⁶

Agradecimento

Nesta parte, o espírito de gratidão deve ser estimulado. Ellen White nos aconselha a ser mais agradecidos: “Não oremos demasiado, mas somos por demais tardios em dar graças. Caso a amorável bondade de Deus suscitasse mais ações de graças e louvores, teríamos incomparavelmente mais poder na oração.”⁷

Existem muitas coisas pelas quais poderíamos manifestar gratidão. Se observarmos, vários salmos terminam com louvor e gratidão. Devemos entender que somos alvo constante dos ternos e paternais cuidados de Deus, recebendo bênçãos imerecidas.

Petição

É uma tendência natural do ser humano pedir antes de agradecer. Somente depois de ter expressado gratidão, é o momento de pedir que Deus supra as nossas necessidades; assim como um filho se aproxima do pai, pedindo algo, tendo certeza de que será atendido. Não precisamos fazer uma longa lista de coisas, mas pedir-Lhe aquilo que é mais importante para hoje. Esse pedido pode ser algo sugerido pelo tema do sermão, ou alguma necessidade amplamente sentida pela congregação, ou parte dela. Pode ser um pedido de bênção para os filhos, ou de um mais profundo senso do dever e missão. Quaisquer que sejam, porém, os pedidos devem ser específicos e oportunos.

“Nosso Pai celestial está desejoso de derramar sobre nós a plenitude de Suas bênçãos. É nosso privilégio beber livremente da fonte de Seu ilimitado amor.”⁸

Cada igreja tem suas necessidades particulares, sendo apropriado orar por nós mesmos e nossas necessidades. Devemos lembrar, porém, que não podemos abranger tudo nesta oração.

Intercessão

Conquanto nossas orações devam contar nossas próprias necessidades, compete-nos ir além das preocupações imediatas e pessoais, a fim de orar pelos outros. Ao final desta parte, o orador roga pela unção do Espírito Santo na exposição da mensagem. Não se esqueça de orar também pelo pregador.

Dedicação

A parte final da oração pastoral é o momento da entrega. A congregação deve ser cuidadosamente colocada nas mãos de Deus. Cada adorador deve ter em mente a convicção da solenidade desse gesto que é cheio de significado e grandeza. “A oração só será efetiva se leva as pessoas a uma dedicação da vida. ... Cada pessoa é encorajada a oferecer-se a si mesma a Deus como um sacrifício vivo, em todos os sentidos de sua vida.”⁹

“Cristo deseja fortalecer o Seu povo com a plenitude de Seu poder, de modo tal que por eles todo o mundo seja envolto numa atmosfera de graça. Quando Seu povo se entregar a Deus de todo o coração, este propósito se cumprirá.”¹⁰

Orando com o coração

Estas considerações acerca da oração pastoral constituem-se sugestões e se destinam apenas a servir de orientação; não como fonte de embaraço. Nenhuma pessoa deve ter a impressão de que suas orações estão sendo analisadas e julgadas. Devemos continuar sendo espontâneos e livres, orando de coração, lembrando que só a oração que realmente provém do íntimo será aceitável a Deus. Contudo, algum esforço deve ser feito para orarmos de maneira eficaz e judiciosa.

Algumas pessoas sentem necessidade de organizar por escrito a sua oração, a fim de apresentá-la devidamente em público. Não devemos criticar esse hábito, nem considerá-lo indispensável. O que é necessário é que reflitamos antecipadamente no que iremos dizer durante a prece, cuidando para que não seja apenas mera formalidade. É muito interessante que tenhamos memorizadas as partes constituintes da oração pastoral, conforme analisadas aqui.

Os ministros que desfrutem íntima comunhão com Deus na oração particular, transformando-a numa fonte de poder e paz em sua vida diária, constituirão um importante elo entre seu povo e Deus durante o período de oração no Culto Divino. Quando a oração se converte em adoração, avistamos Jesus pela fé e ficamos jubilosos por sentirmos que estamos em Sua presença. **M**

Referências:

¹ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), vol. 2, pág. 193.

² Horne P. Silva, *Culto e Adoração* (São Paulo, SP: Gráfica do Instituto Adventista de Ensino, 1984), pág. 59.

³ *Ibidem*, págs. 139-141.

⁴ Miguel Angel Darino, *La Adoración, Análisis y Orientación* (Califórnia: DIME, 1992), pág. 39.

⁵ Horne P. Silva, *Op. Cit.*, pág. 139.

⁶ Ellen G. White, *Mente Caráter e Personalidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990), vol. 2, pág. 456.

⁷ _____, *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 110.

⁸ _____, *Caminho a Cristo* (Santo André, AP: Casa Publicadora Brasileira, 1980), pág. 80.

⁹ Horne P. Silva, *Op. Cit.*, pág. 141.

¹⁰ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 149.



Rod Long

Pastor em Chadron,
Nebraska, Estados
Unidos

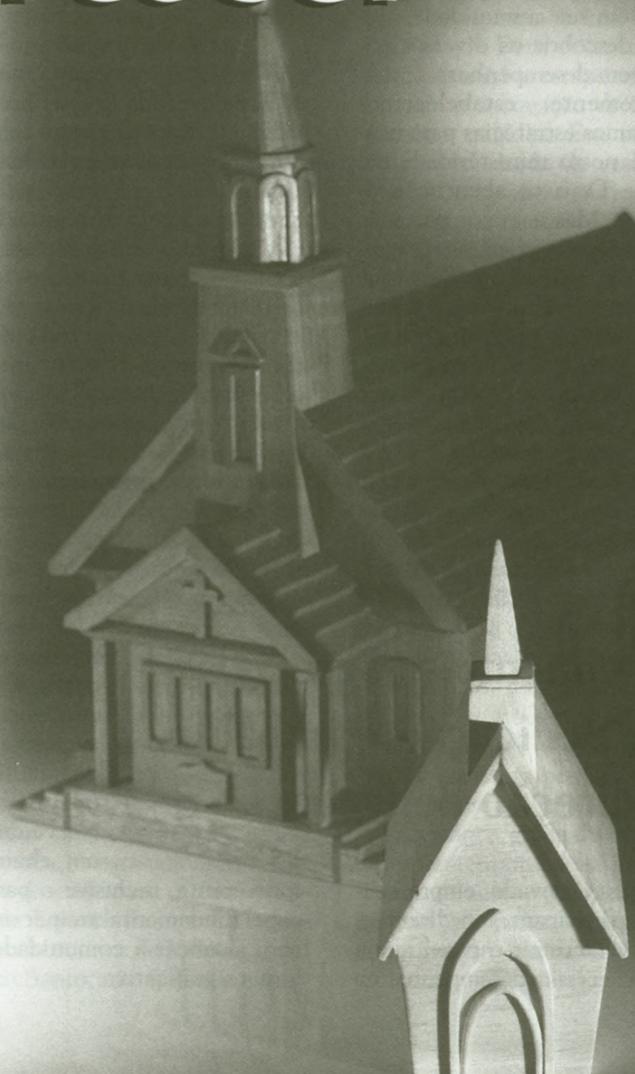
Missão

O crescimento de congregações pequenas não acontece por acaso. É preciso trabalho com propósito e determinação. O resultado é altamente compensador

Toda igreja pode crescer

“Isto não pode ser feito!” é uma frase que ressoa envolvida em escuridão, desespero e frustração. Através do mundo cristão, nós ouvimos cada vez mais insistentemente que a revitalização de igrejas pequenas não pode ser realidade. De onde esse pensamento foi tirado? Porventura temos nos esquecido de que somos uma extensão da igreja do Novo Testamento – essa pequena e corajosa assembléia de santos que bem poderia ter sido conhecida por dizer: “isto não pode ser feito”? Mas os membros daquela igreja nem mesmo pareciam saber o significado dessa frase. E a razão pela qual não sabiam era que estavam muito ocupados, acreditando em conceitos tais como: “Com Deus, todas as coisas são possíveis.”

Eu acredito piamente que Deus ainda está operando, tal como fazia em favor dos cristãos do primeiro século. Entretanto, a maneira como nós abordamos as coisas nos dias atuais é significativamente diferente daquela dos nossos predecessores do Novo Testamento. Como líderes e liderados, parecemos às vezes estar facilmente sossegados em nossa jornada, quase como se o fogo tivesse passado. Tornamo-nos confortáveis com a maneira pela qual as coisas são feitas e, algumas vezes, não percebemos a necessidade de avançar em fé, para tentar novas coisas.



Encontrando uma visão, descobrindo uma missão

As igrejas neste novo milênio, especialmente aquelas igrejas pequenas, enfrentam barreiras para crescer. A maioria dessas barreiras tem a ver com duas áreas vitais freqüentemente expressadas: 1) Porventura, temos nós um senso real de profunda preocupação relacionada com as lutas da humanidade ao nosso redor? 2) Estamos nós desejosos de buscar a visão e a missão de Deus para nós e para nossas congregações? Temos fé e coragem para seguir essa visão?

A experiência do passado nos mostra que as igrejas cujo foco estiver direcionado à atividade de alcançar e amparar almas perdidas em suas comunidades serão as igrejas que crescem. Igrejas que realmente vão através de um processo de construção de visão e missão serão únicas entre a maioria das congregações em sua comunidade. Por quê? Porque elas estão empenhadas em encontrar uma visão ou uma missão de Deus para seu ministério. Portanto, Deus pode operar entre elas e em sua comunidade, ajudando-as a descobrir os diversos papéis que devem desempenhar.

Freqüentemente estabelecemos planos e criamos estratégias para nossas igrejas e nosso ministério. Então pedimos que Deus os abençoe e os faça frutificar. Mas a maior parte do sucesso de qualquer programa ou igreja não vem de pedirmos a Deus que abençoe nosso trabalho, mas de ouvirmos Seu convite para nos juntar a Ele no trabalho que Ele está fazendo onde nós nos encontramos. O processo de construção de visão e missão para uma igreja faz exatamente isso.

Esse processo poderia começar com uma campanha de reavivamento que envolvesse 40 dias de jejum e oração. Todos na igreja – pelo menos a maioria dos líderes da congregação – deveriam

O crescimento de igrejas requer dedicação e trabalho, sob a direção de Deus.

participar nesse elevado empreendimento. Os participantes pediriam a Deus para lhes mostrar o papel que a congregação necessita desempenhar na

comunidade. Provavelmente seja melhor para cada congregação operar sua maneira de conduzir esse importante aspecto do processo de visão.

A visão fala de onde a congregação está saindo e para onde vai. A missão fala como as coisas vão acontecer. A visão inspira as pessoas a escalar o cume da missão.

Ingredientes do crescimento

Quantas vezes você ouviu, ou disse, a respeito de sua igreja alguma coisa como, por exemplo: “Não podemos fazer isto ou aquilo, porque somos um grupo muito pequeno”? As pessoas fazem a palavra “pequena” parecer muito negativa. Entretanto, podemos, independentemente do tamanho de nossa congregação, encorajar e vitalizar nosso povo. Só precisamos ter em mente e colocar em ação os seguintes componentes do crescimento eclesial:

- Visão e missão específicas.
- Membros envolvidos em vários ministérios.
- Ser uma igreja atraente para a comunidade.
- Ligação com o poder celestial, através da oração.
- Amar incondicionalmente.

Toda igreja da qual tenho tido o privilégio de fazer parte tem tomado tempo para desenvolver realmente essas qualidades. E eu creio que qualquer igreja que esteja determinada a seguir esse caminho está destinada ao crescimento e causar um impacto positivo na comunidade na qual está inserida.

Vamos analisar cada um desses componentes de crescimento e o que eles nos ensinam. Como já temos abordado até aqui muito do primeiro componente – visão e missão específicas –, vamos aproveitar o espaço para as outras qualidades necessárias ao crescimento da igreja.

1. Se uma igreja deve ter sucesso, os membros devem ser ativos na missão. Muitos crentes sinceros parecem acreditar que é responsabilidade exclusiva do pastor operar o crescimento da igreja. Na verdade, esse é um chamado para

todo crente, inclusive o pastor. É seu papel fundamental treinar os membros para alcançar a comunidade em uma forma significativa.

O pastor deve nutrir e edificar os santos através da Palavra de Deus, e a encorajá-los frente à rejeição do mundo. Ele é o líder que possui mais clara visão da missão que Deus tem para Seu povo, de modo que sabe perfeitamente em que direção Deus quer que a congregação marche. Desse modo o pastor lidera a igreja. Ele não deve fazer o trabalho que é dela. Os membros devem sentir ardentemente as necessidades e ansiedades das pessoas que lhe estão ao redor, alimentando um profundo desejo de conduzi-las a Cristo, para que elas também O sirvam de coração. O pastor deve manter diante da igreja a responsabilidade que Cristo lhe tem confiado, isto é, a de trabalhar em favor de outros.

A declaração de missão de Jesus é a declaração essencial de missão para toda congregação: “Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido” (Luc. 19:10). Jesus foi claro e focalizou determinadamente o cumprimento dessa missão, o que significa que devemos seguir o mesmo caminho e fazer a mesma coisa.

2. O próximo ingrediente-chave é sermos atrativos para nossa comunidade. Durante muito tempo, muitas igrejas têm agido como se estivessem pensando o seguinte: Se as pessoas estão procurando Jesus, nossas portas estão abertas. Que venham! Seria muito fácil e cômodo, se tudo o que tivéssemos de fazer fosse isto: abrir as portas do templo, acender as lâmpadas, sentar nos bancos e esperar que as pessoas se juntem a nós.

Parte da jornada de revitalização de uma igreja é tornar-se envolvida na comunidade e conseguir que essa comunidade se envolva com ela também. Quando digo que uma igreja deve ser atrativa para a comunidade na qual ela está presente, não estou me referindo à beleza de sua planta física ou à funcionalidade de suas instalações. Embora isso seja importante, existe algo mais. As pessoas necessitam ter lembranças e pensamentos positivos a respeito de nossas igrejas.

Uma forma de conquistar a comunidade é aproveitar datas especiais comemorativas e realizar programações alusivas a elas. Por exemplo, em várias ocasiões durante o ano, as igrejas em meu distrito realizam programas de reconhecimento e homenagem a determinados grupos, pelo que eles têm feito em favor da população. Então con-

vidamos soldados do corpo de bombeiros, policiais, delegados, enfermeiros, médicos, motoristas de ambulância e outros profissionais.

No sermão que faço em tais ocasiões, geralmente focalizo as qualidades profissionais dessas pessoas, realçando especialmente aquelas que professam claramente a fé cristã e que têm em Jesus seu modelo. Também oferecemos uma refeição especial, durante a qual lhes prestamos homenagem, entregando-lhes uma placa com dizeres que expressam nossa apreciação por sua contribuição para o bem-estar de nossa comunidade.

Muitas dessas pessoas têm vindo pela primeira vez à igreja nessas ocasiões. E não deveríamos usar esses dias como uma isca para fisgar membros ou influenciar as pessoas com nossas doutrinas. Precisamos aproveitar essas oportunidades simplesmente para agradecer e mostrar aos nossos amigos como Deus os ama e protege. O interesse para conhecer as doutrinas bem como a filiação posterior à igreja acontecerão como resultado natural do nosso gesto.

3. Ligação com o poder celestial através da oração. Nenhuma igreja cresce saudavelmente sem oração. O poder do Universo é desencadeado em nosso favor somente quando estamos de joelhos. Já mencionamos anteriormente que um programa espiritual de 40 dias incluindo jejum e oração é crucial para a construção da visão e missão de qualquer igreja. A oração é nossa linha de auxílio, nossa conexão com o centro de solução dos problemas do mundo. Não existe montanha tão alta que a oração não possa mover. A fervente oração pode escalar cumes humanamente inatingíveis. A oração pode nos erguer dos vales mais profundos. A oração que brota mesmo dos mais fracos e vacilantes lábios pode ser uma ponte que nos conduz a salvo sobre o mais profundo e caudaloso rio.

Se realmente queremos transformar nossas igrejas, e conservá-las marchando na direção certa, precisamos implantar o hábito da oração. Quem sabe poderíamos até eleger uma equipe denominada “guerreiros da oração”. Jejum e oração têm se tornado práticas quase obsoletas no mundo cristão atual. Precisamos gastar mais tempo em jejum. Esse é um tempo quando entregamos algo importante e desejável de nós mesmos, substituindo-o por um período empregado em fervente oração.

Jesus Cristo iniciou Seu ministério com um período de 40 dias de jejum. Jejuar é uma grande oportunidade para se estar íntimo a Deus e para Ele estar íntimo a nós. É durante um período assim que os membros de minhas igrejas têm experimentado, e partilhado comigo, como Deus lhes abriu os olhos, ampliou a visão, em novas e surpreendentes maneiras. Tal experiência de intimidade com Deus permanece entre eles, de tal modo que muitos repetem o período de jejum depois de outros 40 dias. A oração acompanhada de jejum provê tempo e uma concentração especial a fim de que possamos comungar com Deus e buscar Sua vontade para nós mesmos e nossa igreja.

4. Finalmente, e mais importante, devemos amar incondicionalmente. Não podemos crescer como igreja num ambiente onde nós, nossos líderes e membros vivemos tão ocupados em apontar faltas e condenar as pessoas, que nos esquecemos de que somos chamados por Deus para amar, e também nos esquecemos de que somos amados por Deus. Normalmente temos uma dificuldade particular em compreender a importância dessa virtude.

O mundo no qual vivemos hoje oferece muito pouco em termos de aceitação e apoio a um indivíduo. Nossa sociedade está tão consistentemente absorta em perseguir todo tipo de interesse egoísta, que outros são ignorados e deixados a lutar sozinhos em meio às tormentas. Nossas igrejas deveriam ser um céu, um lugar de segurança definitiva, aceitação e amor.

As pessoas precisam saber e sentir que elas podem vir à igreja independentemente do que estão vestindo, de quantos ou quais tipos de fardos estão carregando. Elas devem se sentir livres para vir com sua guarda abaixada, indefesas e necessitadas. E devem encontrar amor e braços abertos. Depois de tudo, devemos tratar todas as pessoas como Cristo nos trata. Se o mundo cristão hoje refletisse mais o amor sincero e inabalável com que temos sido contemplados, nossas igrejas estariam superlotadas.

Precisamos levantar Jesus diante de indivíduos com o coração quebrantado. Muito frequentemente, entretanto, parece que estamos muito ocupados para desempenhar o convincente papel do Espírito Santo, vivendo e manifestando o amor de Jesus. É papel do Espírito Santo, não nosso, conven-

cer do pecado. É papel do Espírito Santo, não nosso, reprovar a injustiça.

Na verdade, algumas vezes Deus nos usa para ajudar-nos mutuamente em situações que requerem uma honesta palavra de correção. Mas mesmo em tais ocasiões, tudo deve ser feito com calma e no espírito de amor restaurador. Todo indivíduo que está envolvido no ministério da salvação, por qualquer extensão de tempo, sabe que quando continuamente olhamos e apontamos para Jesus em nosso falar e em nosso caminhar, as pessoas começam a se mover em direção a Ele e têm a vida transformada à Sua semelhança. Quando O apontamos para as pessoas, temos oportunidade de partilhar o que Ele tem feito por nós e conosco. Note que eu não estou falando de partilhar o que Ele pode fazer para corrigir as pessoas. Precisamos erguê-Lo e as pessoas serão atraídas a Ele.

Sob a direção de Deus

O segredo real para o crescimento de pequenas igrejas reside na atitude de líderes e congregações desenvolverem um espírito de boa vontade para fazer o que Deus determinar que seja feito, ao mesmo tempo em que, juntos buscam a aprovação divina para seus planos e trabalho. Esse segredo implica não ter medo de realizar algumas mudanças, se isso significar melhor desempenho e contribuição para o êxito da missão designada pelo Senhor.

Crescimento de igrejas pequenas não é algo que acontece por acaso ou num passe de mágica. Devemos nos dedicar a isso e trabalhar com propósito e determinação; agindo sob a liderança de Deus. Isso leva tempo e exige esforço, mas é inteiramente compensador.

Estamos ansiosos por igrejas repletas de membros ativos. Então sigamos o que Deus nos indica, trabalheemos conforme Sua direção, e não fazendo alguma coisa que pensamos ser uma boa idéia. Se queremos que a comunidade seja atraída por nossa igreja, vivamos ligados com o poder celestial através de nossas orações, por nós mesmos e por nossas congregações. Vamos amar as pessoas de modo incondicional e tangível.

Enquanto gradualmente iniciamos e implementamos esse processo, Deus estará conosco, produzindo o crescimento em todas as áreas da igreja; crescimento que parecia impossível acontecer. **M**



Walter Alaña

Professor de Teologia Aplicada na Universidade Peruana União, Lima, Peru

Administração

Uma proposta para esta era de crise, desafios e oportunidades

Líderes para hoje

Vivemos em tempos de mudanças e de incerteza generalizada em todas as áreas de atividade humana. E o campo da liderança não é uma exceção. A maioria dos especialistas concorda em que a crise de liderança “é o mais urgente e perigoso de todos os desafios que enfrentamos”. Só que esse é um problema “insuficientemente reconhecido e pouco compreendido”.¹ Nas palavras de James Bolt, “a falta de liderança é evidente em toda a sociedade. Para onde quer que olhemos, observamos uma grave falta de fé na liderança por parte de nossas escolas, organizações religiosas e governo”.²

⊕ clamor por líderes confiáveis tem se estendido a campos distintos: político, empresarial e religioso-eclesiástico. Provavelmente, um dos indicadores mais claros dessa tendência é o fato de que embora a sociedade em geral esteja experimentando um crescente interesse por assuntos espirituais, não são as igrejas cristãs as que melhor estão capitalizando esse despertar. Ironicamente, muitas delas estão declinando.³

Embora pareçam duras, as palavras de Oswald Sanders deveriam nos convidar à reflexão: “A igreja não tem escapado a esta escassez de liderança

com autoridade. ... Sua influência na comunidade mundial é mínima. O sal perdeu por completo seu sabor; e a luz, seu brilho.”⁴ Blackaby discerne a raiz dessa debilidade quando reconhece que o problema da sociedade vai além da falta de líderes: “O grande déficit da sociedade é que não existem líderes suficientes que entendam e pratiquem os princípios da liderança cristã.”⁵

Como produzir grandes líderes, parece algo fora do alcance de nossa era iluminada. Pouco a pouco, mas cada vez com maior frequência, os estudiosos buscam respostas no terreno espiritual. E é nesse campo, como conhecedores da verdadeira espiritualidade, que surge uma valiosa oportunidade de apresentar uma proposta baseada na Palavra de Deus.

Hoje, mais do que nunca, necessitamos lembrar que a verdadeira liderança é um dom de Deus, outorgado a indivíduos para agir segundo Seus métodos e para alcançar Seus objetivos. Portanto, também nesse terreno, precisamos buscar respostas divinas para nossos desafios humanos.

Liderança tridimensional

John C. Maxwell menciona que após quatro décadas de estudo e obser-

vação, chegou à seguinte conclusão: “A liderança é influência. Nada mais nada menos.”⁶ Isso quer dizer que, num sentido mais amplo, ao falar sobre liderança, estamos nos referindo à capacidade que um indivíduo tem de exercer influência sobre outros. Foi nesse sentido que Ellen White enfatizou a importância de desenvolvermos nossa esfera de influência, a fim de causar impacto cada vez maior na sociedade, e apontou o caminho para alcançar esse objetivo:

“E quanto mais vasta a esfera de nossa influência, tanto maior bem podemos fazer. Quando os que professam servir a Deus seguirem o exemplo de Cristo, praticando na vida diária os princípios da lei, quando todos os seus atos testemunharem de que amam a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmos, então a igreja terá o poder de abalar o mundo.”⁷

Então, o segredo reside em se colocar em prática os princípios da lei na vida diária. Em seguida, é mencionado claramente que a lei referida é o grande mandamento: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante

a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mat. 22:37-40).

Ao refletirmos nessas palavras, descobrimos o desafio de crescermos ou nos desenvolvermos em três direções ou dimensões: Deus – próximo – si mesmo. Disso entendemos que o caminho para uma liderança de impacto passa por um desenvolvimento tridimensional que nos habilite a crescer em nossa relação com Deus, mediante o desenvolvimento de um caráter íntegro. Com nosso próximo, através de relações profundas e saudáveis. E com nós mesmos, por meio do cultivo de uma auto-estima sã que facilite o desenvolvimento dos nossos talentos.

Jesus, o maior líder que o mundo conheceu, seguiu esse modelo de desenvolvimento: “E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Luc. 2:52). Portanto, todos os que desejarem exercer uma liderança semelhante à de Cristo devem procurar um crescimento tridimensional, que será a única experiência que permitirá à igreja como-ver o mundo.

Líderes servos

Agora podemos concentrar nossa atenção em duas pistas sugeridas pelo mandamento, e que nos ajudarão a responder à pergunta: “Como nos desenvolvemos tridimensionalmente?” Em primeiro lugar, devemos notar que o grande mandamento nos desafia a viver o amor cristão (do grego *agape*). Esse amor, segundo o modelo de Jesus, encontra sua verdadeira expressão no serviço abnegado e mesmo sacrificial. “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (João 15:13; Rom. 5:8). Devemos lembrar que “a abnegação é a base de todo o verdadeiro desenvolvimento. Por intermédio do serviço abnegado recebemos a mais alta cultura de cada faculdade. De maneira cada vez mais plena nos tornamos participantes da natureza divina”.⁸

Mais que uma liderança treinada profissionalmente, ou teologicamente qualificada, por mais importante que sejam essas coisas, a igreja e a sociedade em geral estão procurando um tipo de líderes que levem a sério as palavras de Cristo: “... Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade

sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo” (Mat. 20:25-27).

Parafrazeando Robert Munger, diríamos que necessitamos de indivíduos que liderem a partir de níveis considerados inferiores, que entendam seu papel fundamental como servos, e que saibam ouvir e responder às necessidades reais do povo. A igreja necessita de líderes que mostrem capacidade para comunicar e viver as boas-novas, de tal modo que não haja nenhuma dúvida sobre onde se encontra sua lealdade.⁹ Líderes que estejam dispostos a lavar os pés do povo e, desse modo, demonstrar a realidade do reino de Deus em sua vida. Em suma, a igreja necessita de líderes que pratiquem uma liderança servicial.

Excelência

Em segundo lugar, o grande mandamento nos desafia a trilhar o caminho da excelência mediante o desenvolvimento máximo de nosso potencial. Não há espaço para a mediocridade nem para o conformismo, em nosso serviço prestado a Deus. Isso é evidenciado no texto bíblico, através da repetição tríplice da expressão grega *holos*, traduzida como “todo”. Ao servir a Deus, devemos fazê-lo com *todo* o nosso ser; de uma forma completa e equilibrada. Aqui não há espaço para cavilações e muito menos para meia lealdade.

Ellen White refere-se a isso, dizendo: “Amá-Lo – o Ser infinito e onisciente – de toda a força, entendimento e coração, implica o mais alto desenvolvimento de todas as capacidades. Significa que, no ser todo – corpo, espírito e alma – deve a imagem de Deus ser restaurada.”¹⁰ O famoso missionário Stanley Jones entendeu a necessidade que temos, como líderes, de procurar esse desenvolvimento total, harmonioso e equilibrado. Ele escreveu: “A atitude cristã é: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coação (natureza emocional), de toda a tua alma (natureza volitiva), de todo o teu entendimento (natureza intelectual),

e com todas as tuas forças (natureza física). A pessoa inteira há de amá-Lo – mente, emoções, vontade e força física. ... Alguns indivíduos O amam com a força da mente e a debilidade da emoção – os intelectuais religiosos.

A igreja precisa de líderes que lavem os pés do povo. Em outras palavras, que pratiquem uma liderança servicial.

Outros com a força das emoções, porém com a debilidade da mente – os sentimentais da religião. E outros, finalmente, com a força da vontade e a frouxidão das emoções – o homem de ferro, intratável. Porém amar a Deus com a força da mente, da emoção e da vontade, torna o caráter verdadeiramente cristão, equilibrado e firme.”¹¹

Quem trabalhar segundo esse modelo desenvolverá um caráter que exercerá uma influência quase irresistível. Líderes capacitados por Deus para exercer uma influência irresistível que comova o mundo. Podemos ter tal aspiração superior? Essa é a classe de líderes que Deus deseja formar e que o mundo e a igreja necessitam. Então serão cumpridas em nós as palavras de Cristo: “Vós sois a luz do mundo...” (Mat. 5:14). **M**

Referências:

- ¹ Warren Bennis, “The Leader as Storyteller”, em *The Harvard Business Review* (janeiro/fevereiro 1996), pág. 154.
- ² James F. Bolt, em Frances Hesselbein, Marshall Goldsmith e Richard Beckhard (editores), *El Líder del Futuro: Nuevas Perspectivas, Estrategias y Prácticas Para la Próxima Era* (Bilbao: Deusto, 1996), pág. 191.
- ³ Henry e Richard Blackaby, *Spiritual Leadership: Moving People on to God's Agenda* (Nashville, TN: Broadman & Holman, 2001), págs. 5-9.
- ⁴ Oswald Sanders, *Sea um Líder: Aprenda a Ser um Líder Dinâmico y Espiritual em su Ministerio* (Grand Rapids, MI: Portavoz, 2002), pág. 12.
- ⁵ Henry e Richard Blackaby, *Op. Cit.*, pág. 13.
- ⁶ John C. Maxwell, *Desarrolle el Líder que Está en Usted* (Nashville, TN: Caribe, 1996), pág. 13.
- ⁷ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* (Tatuf, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), pág. 340.
- ⁸ _____, *Educación* (Tatuf, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), pág. 16.
- ⁹ Robert Boyd Munger, *Leading From the Heart: Lifetime Reflections on Spiritual Development* (Downers Grove, Ill: InterVarsity, 1995), págs. 9 e 10.
- ¹⁰ Ellen G. White, *Educación*, pág. 16.
- ¹¹ Gordon MacDonald, *Ponga Orden en su Mundo Interior: Aprenda a Mantener su Crecimiento Personal y Es-*

Apascentando as ovelhas

Pastor e anciãos devem estar unidos em nutrir espiritualmente a congregação e os interessados



James A. Cress
Secretário ministerial da Associação Geral da IASD

Meses atrás analisamos os benefícios da visitação pastoral na vida dos membros da igreja. Ampliando um pouco mais esse conceito, quero animá-lo a implementar algumas idéias:

Priorize o tempo. Se você falhar em planejar, certamente não visitará. Encontros casuais podem até exercer algum impacto. Mas separar tempo para esse trabalho lhe permite relacionar quem será visitado e facilita a organização de uma agenda sistemática.

Combine a visita. De preferência, marque antecipadamente o encontro. Embora algumas pessoas não se incomodem em receber visitas a qualquer momento, a maioria prefere ser avisada. Isso permitirá o Espírito Santo preparar-lhe a mente para o diálogo espiritual.

Seja breve. Tal como os sermões, a visita pastoral não necessita ser longa para causar benefícios eternos. A interação de Cristo com as pessoas demonstra quanto pode ser conseguido em breves encontros.

Não visite sozinho. Para sua proteção, especialmente quando visitar alguém do sexo oposto, esteja sempre acompanhado. Este é um plano divino. Recrute um membro amadurecido para acompanhá-lo. Se você entrar sozinho em uma casa, arriscará sua reputação por algo que alguém pode dizer que ocorreu ali. Acusações falsas são quase impossíveis quando duas pessoas visitam juntas.

Delegue. Você nem sempre pode fazer toda a visitação. Por isso treine anciãos, levando-os com você; capacite-os e anime-os a aceitar a responsabilidade de também nutrir espiritualmente a congregação e os interessados.

Amplie sua equipe. Conscientize os membros da igreja que uma visita feita pelo ancião é uma visita pastoral. Providencie cartões de visita para seus anciãos e oriente-os para que se apresentem como seus representantes, uma extensão do seu trabalho pastoral. Ao visitar al-

guém, eles podem dizer algo como: "O pastor me pediu para visitar e orar com você."

Distribua material impresso. Tenha sempre uma brochura, um folheto ou um guia de estudos para dar a cada pessoa. Isso mostra que sua visita não é casual. Direcione sempre a conversação para o lado espiritual. Seus anciãos devem aprender a fazer o mesmo, e dizer: "O pastor pediu para lhe entregar esta lembrança."

Estabeleça propósitos específicos. Depois dos contatos iniciais, mova-se diretamente para alguma questão que não possa ser respondida apenas com um "sim" ou "não". Por exemplo, pergunte: "Como você avalia seu relacionamento com Deus nesta altura da sua vida?" Ou: "O que você tem observado na igreja que encoraja a sua fé ou representa um desafio para você?"

Faça perguntas específicas. A membros faltosos você pode perguntar: "Como a igreja pode atender melhor às suas necessidades?" Aos que não se envolvem nas atividades missionárias pergunte: "Que tipo de trabalho lhe é mais interessante, ou em quais áreas você desejaria receber treinamento para servir?" Uma pergunta para os que têm influência na comunidade poderia ser: "Quem você poderia me apresentar para que eu possa convidar às reuniões da igreja?" Ou ainda: "Que eventos especiais você poderia nos ajudar a planejar e implementar, de modo que possa convidar seus amigos?"

Focalize necessidades especiais. Aos enlutados você pode sugerir: "Por favor, diga-me como a história do seu ente querido causou impacto em sua vida." A um doente você pode perguntar: "Como eu posso orar de modo que lhe assegure o amor, o perdão e a certeza das promessas de Deus?" Aos velhinhos: "Diga-me como Deus o tem guiado e o que lhe dá segurança de que Ele o valoriza pessoalmente." Diga aos pais: "Qual preocupação em relação aos filhos desejariam apresentar a Deus em oração?" Sugira aos voluntários ou líderes: "Quero orar agradecendo a Deus pela contribuição que você dá à Sua causa."

Seja confiante. Jamais passe adiante informações confidenciais. Mas nunca prometa confidencialidade a pessoas que vitimaram outras com abuso físico, emocional ou violência sexual. Em alguns casos, o pastor pode ser chamado a depor judicialmente sobre a prática de abuso. Não fuja da responsabilidade profissional, ética, moral e legal de proteger inocentes de predadores.

Desfrute eventos sociais. Em ocasiões festivas, tais como casamentos, refeições especiais ou aniversários, você certamente encontrará pessoas interessantes com necessidades especiais. Ao manter conversação informal e agradável com elas, dê-lhes seu cartão de apresentação, diga-lhes uma palavra de ânimo e abra o caminho para um relacionamento e para uma visita posterior. **M**



Smuts Van Rooyen

Ph.D., pastor
adventista em
Duarte, Califórnia,
Estados Unidos

Especial

*A cada estágio
de desenvolvimento,
o concerto eterno
é reafirmado.
A cada estágio
alguma coisa expira
e algo novo acontece*

Aliança progressiva

Durante séculos, os protestantes têm alimentado uma contínua discordância em relação aos concertos bíblicos, e particularmente com suas implicações com a lei. Jonathan Edwards, por exemplo, observou que “talvez não haja uma parte da divindade cercada por tão grande complexidade, e na qual a ortodoxia teológica faça tanta diferença como estabelecer uma precisa concordância ou diferença entre as duas dispensações de Moisés e Cristo”.¹

Que esse ainda é o caso, está evidente em uma pesquisa realizada por Brice L. Martin, na qual ele analisou a posição de alguns eruditos a respeito da lei.² O resultado do estudo indica que, para muitos deles, entre os quais se encontram alguns “pesos pesados” como Albert Schweitzer, H. J. Schoeps, Ernst Kasemann, F. F. Bruce e Walter Gutbrod, a lei já não é válida para os crentes.

Mas há outros estudiosos que assumem uma posição oposta, aceitando a vigência da lei para os cristãos. Entre esses, podemos citar “pesos” não menos “pesados” como C. E. B. Cranfield, George E. Hoard, Hans Conzel-

mann, George Eldon Ladd e Richard Longenecker. Essa divergência verificada entre estudiosos de tão elevado quilate possibilitou a um “erudito do jardim da infância” como eu a oportunidade de reestudar o assunto. E sobre um tema considerado “pedra angular” como este, um pastor não pode deixar de dar sua opinião. Aqui neste artigo encontra-se a minha.

Os papéis de um concerto

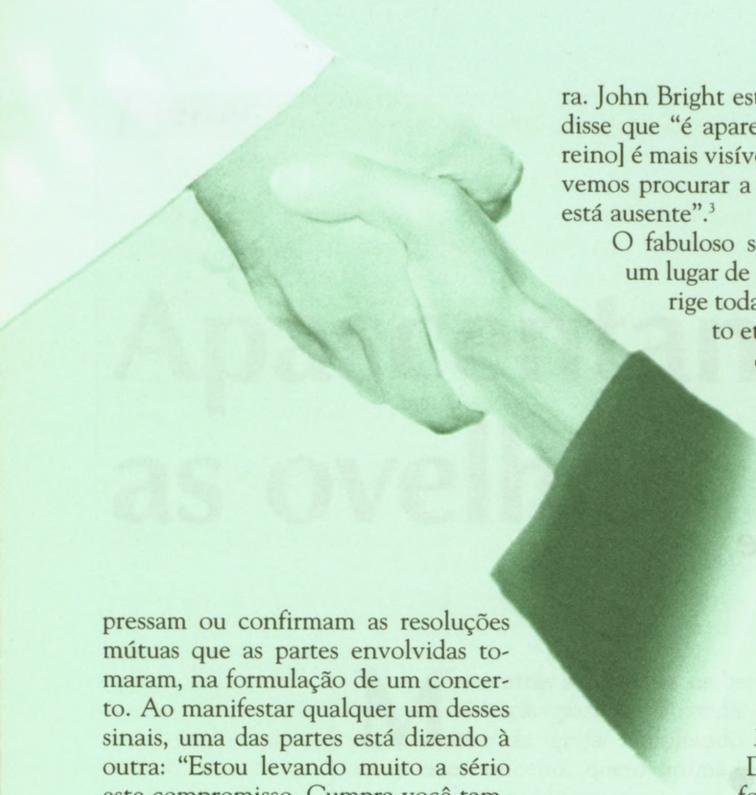
Primeiramente, o objetivo de um concerto é produzir segurança a um projeto ou relacionamento com o qual duas partes se comprometem. Por exemplo, um casal que não é casado legalmente não possui a mesma segurança, em seu relacionamento, que possui um casal que esteja unido de acordo com as leis matrimoniais. No primeiro caso, algumas vezes a paixão poderá ser abalada e as promessas correm o risco de ser esquecidas.

Que Deus desejasse ter qualquer relacionamento conosco, indignos como somos, já seria algo muito surpreendente. Mas que Ele desejasse comprometer-se num relacionamento de aliança conosco, é verdadeiramente extraordinário.

Podemos definir um concerto como uma concordância formal, solene e aglutinadora entre duas partes ou duas pessoas, tendo em vista o desenvolvimento de alguma ação inter-relacional mútua e específica. Em outras palavras, é um acordo para iniciar-se um projeto e vê-lo desenrolar-se até o fim. Para que isso seja consumado, devemos querer construir essa ponte, formar essa companhia, querer permanecer unidos por toda a vida.

Um concerto tenta cumprir alguma coisa. É uma concordância mútua que torna provável o sucesso desse cumprimento. Ter isso em mente é importante para compreendermos a razão pela qual a discussão sobre concertos nas Escrituras degenera em uma discussão sobre condições e mandamentos, como se essas coisas fossem um concerto em si mesmas. Na verdade, um concerto está emoldurado por condições que precisam ser honradas, mas elas existem com o objetivo de proteger o projeto.

Aperto de mãos, circuncisão, emblemas de comunhão, um arco-íris cruzando o céu (no caso de Deus com Noé) e outros tipos de sinais aparecem na Bíblia como indicadores que ex-



pressam ou confirmam as resoluções mútuas que as partes envolvidas tomaram, na formulação de um concerto. Ao manifestar qualquer um desses sinais, uma das partes está dizendo à outra: “Estou levando muito a sério este compromisso. Cumpra você também a sua parte.”

A grande promessa

Qual é precisamente a grande promessa que Deus tem Se comprometido a realizar em relação a nós? Nada menos que o estabelecimento de um reino, a criação de um espaço relacional onde Ele possa estabelecer raízes com Seu povo e nós possamos nos unir como Sua família. Uma leitura da história de Abraão (Gên. 12; 15 e 17) confirma essa realidade. Abraão foi chamado por Deus a fim de deixar suas origens e seus familiares, e aventurar-se a uma terra estranha na qual ele deveria fundar um reino.

Deus disse ao patriarca: “Quanto a Mim, será contigo a Minha aliança; serás pai de numerosas nações. ... Far-te-ei fecundo extraordinariamente, de ti farei nações, e reis procederão de ti. Estabelecerei a Minha aliança entre Mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência. Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus” (Gên. 17:4-8).

Que saga! Deus determina abrir uma nova fronteira, na qual o coração de Abraão pode se ligar com o Seu coração e estar em paz. Na realidade, o termo técnico “reino de Deus” não é usado aqui nem em qualquer lugar no Antigo Testamento, mas a idéia é cla-

ra. John Bright estava correto quando disse que “é aparente que a idéia [do reino] é mais visível que o termo, e devemos procurar a idéia onde o termo está ausente”.³

O fabuloso sonho de um reino, um lugar de unidade familiar, dirige todas as fases do concerto eterno. Isso foi verdade

por ocasião do concerto feito com Abraão em meio às instalações de adobe de Ur (Gên. 12), assim como foi verdade no antigo concerto feito com Israel à margem das rochas do Sinai (Êxo. 23:20 e 32; 25:8; 33; 34; Deut. 7). Também foi verdade quando Jesus falou da nova

aliança com os discípulos ao redor da rústica mesa (Mat. 26:27-29; João 14:1-3), tal como é verdade para as doze tribos de Israel, os redimidos de todas as eras que permanecem maravilhados enquanto a Nova Jerusalém suavemente desce do Céu (Apoc. 21:1-5, 9 e 10).

Tais experiências de concerto são nada menos que um desdobramento progressivo, em estágios, do concerto eterno feito com Abraão.

Mudanças no concerto

Tudo isso nos leva a uma questão: Qual é o paradigma utilizado na Bíblia para descrever a mudança no concerto? Trata-se, por acaso, de um paradigma revolucionário de mudança que desfaz o *status quo* e estabelece uma ordem completamente nova, como se fosse uma revolução na qual os insurgentes assumem o poder, ignoram as regras antigas e estabelecem suas próprias ordens? Ou se trata de um paradigma evolucionário, no qual o novo emerge progressivamente do velho? Lembra-se de um ovo se transformando em uma larva, a larva numa crisálida e esta numa borboleta? As Escrituras ensinam que o reino se desdobra progressivamente; primeiro o pedúnculo, depois a árvore, então o fruto (Mar. 4:26-29). E a lei e o concerto andam juntos.

Jesus Cristo uniu o reino e a lei (Luc. 16:16 e 17). Posteriormente, a prenun-

ciada mudança evolucionária foi construída na própria origem do concerto feito com Abraão (Gál. 3:8). A bênção prometida devia evoluir, da família de Abraão à nação, a uma comunidade internacional, e então alcançar sua fruição completa no Céu, na cidade aguardada pelo patriarca (Heb. 11:10).

Continuidade e descontinuidade

A cada estágio de desenvolvimento, o concerto eterno é reafirmado, e o processo avança. A cada estágio alguma coisa expira e algo novo acontece. O processo envolve tanto continuidade como descontinuidade. O carvalho está na bolota e a bolota está no carvalho, ainda que a árvore não seja a bolota.

Se o paradigma progressivo da mudança do concerto é correto, seguem-se algumas observações importantes. Primeira, não podemos colocar um estágio de desenvolvimento contra outro, como se eles fossem inerentemente antagonísticos. O fato é que os estágios mais baixos produzem os estágios mais altos, e passam adiante sua dinâmica, seu DNA.

Portanto, não podemos opor o concerto sinaítico, feito com Moisés, contra o concerto eterno feito com Abraão, ou o novo concerto feito com os discípulos. Todos os concertos prosperam sobre promessa e graça. Os indivíduos não eram salvos por graça nos dias de Abraão, e pela lei nos dias de Moisés. Também não foram salvos pela graça nos dias de Paulo e pela lei nos dias de Moisés, como alguns afirmam. Que os tempos de Moisés também eram tempos de graça, está claro a partir dos seguintes fatos:

1. Deus não escolheu Israel como Sua propriedade exclusiva por causa de algum mérito que a nação tivesse. Ele a escolheu porque a amou e pelo juramento feito aos seus antepassados. Moisés refere-se ao concerto sinaítico como uma aliança fundamentada no amor (Deut. 7:7-9; 4:32-39).

2. O prólogo dos Dez Mandamentos lembra os israelitas de que o único doador da lei é o Deus que os redimiu pelo significado da Páscoa (Êxo. 20). Israel foi salvo pela graça antes que tivesse recebido a lei (Gál. 3:15-18). Até mesmo as condições do concerto eram para Israel uma graciosa lembrança de sua redenção (Deut. 6:20-25).

3. A relação entre a lei e a graça estava representada pelo significado da

arca do concerto. Ali, as tábuas da lei estavam colocadas sob a cobertura dorada do propiciatório (Êxo. 31:7).

4. É nada menos que a ceia pascal que Jesus transforma no símbolo do novo concerto (Mat. 26:17-30). A graça expande-se cada vez mais plenamente, enquanto o concerto vai adquirindo maturidade.

5. De acordo com o livro aos hebreus, Israel não entrou no repouso de Deus porque optou pelas obras e recusou viver pela fé (Heb. 4:1-11). Os israelitas eram salvos pela fé, como nós o somos; viveriam pela fé, tal como acontece conosco (Heb. 11; Rom.9:31 e 32; Isa. 45:25).

6. Moisés não é a antítese de Jesus Cristo. As Escrituras dizem que ele foi fiel como um servo “em toda a casa de Deus” e testemunhou “das coisas que haviam de ser anunciadas” (Heb. 3:1-6). O próprio Cristo disse: “Porque, se de fato crêsseis em Moisés, também creíeis em Mim; porquanto ele escreveu a Meu respeito. Se, porém, não credes nos seus escritos, como creíeis nas Minhas palavras?” (João 5:46 e 47).

7. Paulo exaltou a experiência de concerto vivida por Israel como essencial à história da salvação. Foi através de Israel, ele disse, que a encarnação de Jesus ocorreu. O apóstolo encontrou esplendor na história israelita sob o velho concerto. “Digo a verdade em Cristo, não minto, testemunhando comigo, no Espírito Santo, a minha própria consciência: que tenho grande tristeza e incessante dor no coração; porque eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas, segundo a carne. São israelitas. Pertencelhes a adoção, e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; deles são os patriarcas e também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. Amém” (Rom. 9:1-5). A salvação é dos judeus. Eles não apenas nos levam a Cristo (Gál. 3:24), mas no-Lo deram.

8. A aliança do Sinai não foi de salvação pela lei, ou seja, de legalismo. Deus jamais estabeleceria um concerto fundamentado em salvação pelas obras. O legalismo é sempre como trapo de imundícia. Mas Paulo classifica o antigo concerto como glorioso. Quando Moisés recebeu a lei, sua face brilhou com a glória de Deus (II Cor. 3:7-11; Êxo. 34:29-35). Apenas em

comparação à glória de Cristo a glória de Moisés foi menos impressionante; mas ainda assim permanecia impressionante.

9. A vida vitoriosa dos heróis do Antigo Testamento testemunha a salvação unicamente pela graça. Podemos nos lembrar de Jacó, Davi, Mefibosete e Gômer, para citar apenas uns poucos. É interessante ler a procissão de fiéis que desfila em Hebreus 11.

Dificuldades no conceito progressivo

A marcha progressiva do concerto, entretanto, não está necessariamente livre de problemas. Sempre existe o perigo de uma interrupção nesse processo. Quando isso acontece, um estágio progressivo inicial, normal, pode sabotar um estágio posterior com trágicas conseqüências. Essa era claramente a situação em muitas antigas igrejas cristãs, quando Paulo escreveu sua carta aos gálatas.

O que aconteceu foi que judeus cristãos tentaram congelar o reino dentro de uma estrutura de judaísmo e aliança legalista. Ergueram uma barreira que obstruiu o avanço da era escatológica do Espírito. Dessa maneira, criaram uma tensão antinatural entre a era de Moisés e a era do Espírito, entre a graça e a lei, entre lei e Cristo. Mas é preciso lembrar em que essa tensão foi criada; não é que exista inentemente. Os cristãos judeus insistiam que os gentios somente poderiam ser justificados se primeiramente se tornassem judeus, submetendo-se ao rito da circuncisão, adotando restrições dietéticas e observando os dias santos judaicos. A preservação de uma identidade nacional é a questão central nas lutas dos gálatas.

Paulo busca desmontar essa barreira. É crucial entender que ele não está escrevendo um tratado teológico sobre a relação entre a lei e a graça, nesta epístola. Ao contrário disso, seus argumentos abordam uma interrupção progressiva incomum. Portanto, ele fala aos gálatas que eles escolheram sair da era escatológica do Espírito e regressar ao legalismo e nacionalismo judaico (Gál. 3:1-5). E lembra que Deus sempre planejou

que os gentios fossem parte do Seu reino, ao dizer a Abraão que nele seriam abençoados todos os povos da Terra (Gál. 3:6-9). Além disso, o apóstolo adverte que se os gálatas insistirem em permanecer onde estão, ficarão assim sob a maldição da lei, pois Israel não obedeceu a Deus (Gál. 3:10-14).

E mais: a lei não anula ou invalida as promessas feitas a Abraão, o que significa que a promessa ainda está presente no concerto feito com Moisés (Gál. 3:15-18). A bolota ainda é um broto, mas deve se tornar uma árvore. Paulo argumenta que a lei nunca foi um meio de justificação. Se fosse possível à lei salvar a humanidade, Deus a teria feito com essa característica. Mas não o fez, porque não era Seu propósito que fosse assim (Gál. 3:21).

A era da lei, do concerto legalista, tinha o propósito de levar-nos à era de Cristo (Gál. 3:24); não era um ponto final, mas uma fase do progresso histórico. Permitia que a promessa a Moisés e Abraão nos conduzisse a Cristo.

O status da lei

A esta altura devemos nos perguntar o que é realmente extinto enquanto o concerto do Sinai progride em direção à era cristã? O propósito básico de Paulo em sua carta aos gálatas é declarar que o Israel nacional já não permanece como o único povo especial de Deus. A era de sua identidade exclusiva passou, sendo substituída por uma identidade espiritual internacional, multiétnica. A bênção da exclusão (Êxo. 19:5 e 6) tornou-se a bênção da inclusão (Gál. 3:26-29).

A aliança do Sinai não foi de salvação pela lei. Deus jamais estabeleceria um concerto fundamentado em salvação pelas obras.

Todos os que têm fé, incluindo os gentios (o que parece um escândalo), são agora fervorosos candidatos a um relacionamento de aliança com Deus. Além disso, a vida espiritual dos crentes já não é expressada através de um gracioso sistema de lei, mas através do

relacionamento com Jesus (Gál. 5:1-6). O amor legítimo da lei no coração do israelita (Deut. 6:4-9) já não inspira a vida espiritual do crente (Rom. 7:1-6). Jesus veio, e agora Ele é o inspirador da aliança com Seu povo.

Os dez mandamentos

Mas se o tempo de um concerto legalista passou, quais são as implicações para os dez mandamentos hoje? Ainda têm eles autoridade moral? Evidentemente sim, pois também abrangem a era espiritual. No tempo do novo concerto a lei é universalizada; aplicada a Cristo e ao Espírito; resumida como amor e preservada até que o reino de Deus seja inaugurado. Vamos analisar um pouco mais esta questão.

Ao contrário de abolir, a nova aliança preserva e amplia o alcance dos mandamentos.

Que a lei é universalizada e desnacionalizada pode ser visto na maneira como Paulo adapta o quinto mandamento, que requer honra aos pais, de modo a caber na nova situação de uma igreja multinacional. Em Efésios 6:1-3, o apóstolo cita o mandamento, mas não textualmente. Ele modifica uma frase; a que contém a promessa de longevidade. Aí, o mandamento já não promete longevidade “na terra que o Senhor, teu Deus, te dá” (Êxo. 20:12), mas promete longevidade na Terra ou no mundo. O mandamento é universalizado para incluir filhos gentios obedientes vivendo além dos limites de Israel. O benefício da longevidade é para todos em todo lugar.

Thielman nos mostra um dramático exemplo da lei continuando a funcionar durante a era escatológica do Espírito.⁴ Ele viu isso na injunção de Paulo aos tessalonicenses, para que rompessem com o seu passado. Aqueles crentes deveriam manter-se completamente distantes da idolatria e da impureza sexual (I Tess. 1:1-10; 4:1-8). Se não o fizessem, estariam nada menos que rejeitando o Espírito. Paulo aplicou a profecia da nova aliança

de Ezequiel àquela situação. Ezequiel previu um tempo quando o povo de Deus seria limpo da impureza (*akatharsia*), não mais serviria a ídolos, teria o coração de pedra transformado em coração de carne e guardaria os decretos divinos (Ezeq. 36:24-27).

Essa profecia é similar às profecias sobre o novo concerto de Jeremias e Isaías (Jer. 31:31-34; Isa. 59:20 e 21). Dessa forma, Paulo mostra claramente que os mandamentos ainda vigoram para os gentios na era da nova aliança, sob a qual os mandamentos são despidos de sua limitada jurisdição nacional. Isso era necessário porque, no Antigo Testamento, os mandamentos também funcionavam como leis governamentais para uma nação, como a lei do país. Desobedecê-los, portanto, não era apenas imoral mas também ilegal. Flagrantes infrações da lei eram punidas com pena de morte. Uma criança incorrigível, uma mulher apanhada em adultério e um transgressor do sábado poderiam ser apedrejados até à morte.

Sendo que Israel, como nação exclusiva de Deus, passou, o aspecto penal e jurisdicional da lei ganha uma roupagem cristocêntrica. Quando os fariseus levaram a Cristo uma mulher flagrada em adultério, o Mestre não contestou os argumentos fundamentados na lei mosaica para apedrejá-la. Ele reconheceu a infração moral da mulher, mas rejeitou a pena de morte (João 8:3-11).

Ademais, o Novo Testamento adapta os mandamentos ao novo tempo resumindo-os em um princípio simples, a saber, o amor ao próximo como a si mesmo (Rom. 13:9 e 10). O efeito disso é uma obediência remotivada, da obediência como dever para a obediência como um desejo positivo. Esse resumo não abole os mandamentos, simplesmente porque um resumo não anula o que foi resumido.

Assim a lei é preservada. Nem um j ou til será omitido da lei sem que tudo seja cumprido (Luc. 16:16 e 17). Quando tudo será cumprido? Não até que o reino seja inaugurado por ocasião da vinda de Jesus.⁵

À imagem de Cristo

Finalmente, o Novo Testamento remodela os mandamentos segundo a

imagem de Jesus Cristo. Eles perdem a intimidação dos trovões e relâmpagos do Sinai e se tornam princípios de relacionamento que revelam onde nós estamos com Cristo. Nosso corpo, por exemplo, é uma extensão do corpo de Cristo e, portanto, não deve ser unido ao de uma prostituta (I Cor. 6:12-19). A imoralidade sexual, desse modo, se torna mais que uma infração legal; passa a ser um pecado contra nosso relacionamento com Jesus.

O mandamento do sábado também é “cristianizado”. Seu repouso focaliza a entrada no santuário celestial com Jesus, onde encontramos o trono da graça e então descansamos na obra completada por nosso Salvador (Heb. 4; 6:16-20). O repouso sabático é “entrar em”; não apenas “abster-se de”. Jesus torna-Se o centro de obediência cristã. Ele é o primeiro, o último e o melhor em todas as coisas; mesmo, ou especialmente, na questão da lei.

Como deveríamos então viver? Embora a lei ainda seja moralmente autoritativa e necessária, não devemos viver por ela, mas por Jesus. Sabemos que não podemos observá-la a menos que vivamos na graça de Deus, sejamos constrangidos pelo amor de Jesus e recebamos a capacitação do Espírito Santo.

Os mandamentos podem funcionar como marcos indicadores de que fomos separados para Deus. Mas os marcos são apenas a cerca; eles não são a propriedade. A terra é a propriedade. Jesus é nossa terra. Nossa alma floresce nEle, com Ele e para Ele. Crescemos nEle. Sabemos que não podemos esperar que alguma coisa cresça por causa de uma cerca. No âmago do nosso ser, sabemos que a lei, por mais valiosa que seja, não é a nossa glória. “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá luz, Ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (II Cor. 4:6).

Isso é nossa glória. **M**

Referências:

- ¹ W. A. VanGemeren, citado em Greg L. Bahnsen, *Five Views on Law and Gospel* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1993), pág. 14.
- ² Brice L. Martin, *Christ and the Law in Paul* (Leiden: Brill, 1989), págs. 21-68.
- ³ John Bright, *The Kingdom of God* (Nova York: Abingdon Press, 1953), pág. 18.
- ⁴ Frank Thielman, *Paul and the Law* (Downers Grove, Ill: Intervarsity Press, 1994), cap. 3.
- ⁵ G. E. Ladd, *The Theology of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1974), págs. 495-510.



Miroslav Kis

Ph.D., professor de ética no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Ética

Dentro do santuário de devoção mútua, permanente e exclusiva que é o casamento, pastor e esposa podem desfrutar amplamente lícitos prazeres e companheirismo

Presente de Deus

O pastor é um servo de Deus. Cuida do Seu rebanho, atua como profeta, sacerdote e mestre espiritual. Mas é uma pessoa como qualquer outra, que se casa, com direito à intimidade matrimonial. Pastor e esposa são seres sexuais. E a Bíblia nos informa que o sexo, como um presente de Deus, não é pecaminoso. Também mostra que o pecado sexual, por definição, é diferente de outros pecados. Compreender e defender tais conceitos, hoje, significa enfrentar a cultura contemporânea e contrariar parte da história cristã.

Alguns pais da Igreja relacionavam a origem da sexualidade à árvore do conhecimento do bem e do mal. Ali, diziam eles, o primeiro casal entregou-se à luxúria e à sensualidade. Sua natureza física foi debilitada e a resultante fraqueza tem sido transmitida aos seus descendentes. Na visão de Agostinho, só a procriação podia justificar a atividade sexual. Embora os reformadores protestantes insistissem que o sexo não era inerentemente pecaminoso e que o celibato não é, de *per se*, virtuoso, o puritanismo na América e durante a Era Vitoriana na Europa retomou a visão negativa de sexo e sexualidade. Para evitar a tentação, os tomzelos e pescoço das mulheres eram escrupulosamente cobertos, e livros escritos por autores de gêneros opostos não podiam ser colocados lado a lado na es-

tante, a menos que os donos desses livros fossem marido e mulher.¹

Mas uma parte da nobreza européia criou um frenesi de promiscuidade, e a população em geral seguiu-lhe o exemplo. O movimento *hippie* dos anos 60 lançou a revolução sexual que via o ato sexual como uma função apenas biológica, o único meio para expressão da sexualidade. Os defensores desse conceito argumentam que qualquer tipo de controle sobre o sexo estorva o desenvolvimento humano e que homens e mulheres são objetos sexuais, para a gratificação e o prazer mútuos.

O que diz a Bíblia sobre a atitude apropriada quanto ao sexo e à sexualidade?

Dimensão da natureza humana

“Criou Deus, pois, o homem à Sua imagem, ... homem e mulher os criou” (Gên 1:27). Assim a Bíblia afirma a diferença sexual originada na criação. Para que a imagem de Deus seja completamente compreendida na unidade de “uma só carne”, deve haver macho e fêmea.² Mas, diferentemente dos animais, os seres humanos não devem ser controlados por seus impulsos. Eles podem fazer escolhas, pela influência do Espírito Santo, cultura, razão, história pessoal ou consciência.

Portanto, a sexualidade humana não é apenas biológica, instintiva, mas um sinal básico de humanidade. Nisso resi-

de a verdade crucial de que os humanos são responsáveis por sua conduta sexual. As evidências mostram que as distinções genéricas afetam profundamente nossas escolhas e nosso raciocínio moral. Não *temos* masculinidade ou feminilidade; *somos* macho ou fêmea. Não *temos* sexualidade; *somos* seres sexuais.³

Depois de haver criado Adão, Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só” (Gên. 2:18). Embora a individualidade não seja má em si mesma, Deus notou uma necessidade, um desejo essencial de companheirismo. E quando entregou Eva para Adão, este disse: “Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gên. 2:23). Uma característica da sexualidade humana é que ela “nunca está confinada à pessoa que experimenta seu impulso. Ela busca o cônjuge, não com o propósito de usá-lo como objeto de satisfação. Pelo contrário, é algo na estrutura da libido que aponta uma comunicação de duas vias. ... Um pré-requisito do prazer é que a outra pessoa também se dá, participa.”⁴

A sexualidade não pode ser exercida sem conseqüências sérias para as partes envolvidas. Ela está alojada no templo do Espírito Santo (1 Cor. 6:18 e 19), onde outras dimensões encontram-se ligadas. Foi programada para agir dentro de uma personalidade bem ordenada e coerente. Lewis Smedes resume essa vi-

são integral em três pontos: “A sexualidade humana deve estar entrelaçada no caráter e integrada na busca de valores de uma pessoa. A sexualidade humana deve ser um impulso ou meio de expressar um profundo relacionamento com outra pessoa. A sexualidade humana deve engajar a pessoa numa união heterossexual com base no amor.”

Ato sexual e sexualidade

Embora outras criaturas possuam sexualidade, os seres humanos são singulares em vários aspectos.

União conjugal. A principal expressão da sexualidade humana, o ato sexual, encontra-se dentro de um relacionamento de aliança do qual Deus é uma testemunha (Mal. 2:14). Em certo momento da vida, uma pessoa deixa os pais e se une a um cônjuge. Tal união tem um potencial de intimidade tão intenso que as Escrituras a chamam de “uma só carne” (Gên. 2:24).

Não existe nenhum outro contexto no qual dois gêneros são desafiados a liberar sua guarda e se tornarem mutuamente vulneráveis, como no casamento. Também não existe qualquer evento ou tipo de interação humana onde a totalidade de uma pessoa seja tão envolvida e aberta como na intimidade conjugal. Cônjuges não fazem amor. Eles experimentam o que Deus fez exclusivamente para eles.

Casamento e sexo. A intimidade conjugal é um dom divino a respeito do qual Deus é altamente cuidadoso e zeloso. E há razões para Sua sensibilidade nesse assunto:

1. O relato do Gênesis mostra o próprio Deus como o “casamenteiro”. Ele criou Eva especialmente para seu marido, levou-a a Adão e testemunhou o primeiro encontro dos dois (Gên. 2:22).

2. Diante de Deus os casais prometem fidelidade e amor permanentes, não importa o que aconteça. É Ele quem vigia as promessas que os dois fazem mutuamente (Mal. 2:13-16).

3. A boa vontade de Deus para tornar-Se tão direta e ativamente engajado no casamento cria um senso de segurança: “Jardim fechado és tu, minha irmã, noiva minha, manancial recluso, fonte selada” (Cant. 4:12).

4. Dentro do santuário dessa devoção mútua, permanente e exclusiva, sob a bênção de Deus, o casal pode desfrutar amplamente lícitos prazeres e companheirismo. Adão tinha outras costelas das quais poderiam ser feitas outras mulheres, o que aparentemente duplicaria a sua felicidade. Porém Deus disse: “Far-lhe-ei uma auxiliadora [singular]” (Gên. 2:18). Fomos feitos para a monogamia.

5. Em nosso coração e mente cabe apenas uma pessoa, em se tratando de intimidade segundo o modelo bíblico de

matrimônio. Se o contrariarmos, comprometemos nossa capacidade de experimentar uma intimidade satisfatória e perdemos nossa identidade privada.⁶ Perdemos nossa inocência; depois começamos a nos perder. Quanto mais nossos relacionamentos são determinados pelo instinto, mais distantes ficamos de uma autêntica qualidade de vida.

6. Não há melhor berço, mais cáldo lugar, abrigo mais seguro onde os filhos podem brotar e florescer do que a sombra de um casamento sólido.

Sublimação. A sexualidade humana é muito maior do que sexo; e “fazer sexo” não é sua única expressão. A intimidade sexual pode ser expressada em maneiras diferentes do ato sexual, o que pode ser descrito como sublimação.

O requerimento católico romano do celibato não é algo só negativo, que exige de sacerdotes, monges e freiras a repressão do impulso sexual. Nele está cuidadosamente embutida uma pedagogia de sublimação, que tenta transformar energias sexuais em energia religiosa. A prática da meditação na forma de amor místico dificilmente seria concebível sem o antecedente de um eros sublimado.⁷

A dedicação à arte (Goethe), um senso do chamado divino (Paulo), ou uma entrega total ao trabalho pelos pobres e desventurados (Teresa de Calcutá) são uns poucos exemplos de sublimação voluntária. Acidentes, longos períodos de enfermidade ou doença incapacitante podem requerer abstinência de qualquer contato sexual com o cônjuge. Conheço muitos heróis e heroínas silenciosos cujo amor cresceu mais e mais, cada dia, enquanto se dedicaram a um ser amado sexualmente inválido. E ao contrário do que às vezes pensamos, muitos experimentam um viver rico e produtivo.

Pecado sexual

Considerando a origem divina da sexualidade, como um presente tão puro e belo pode se tornar a semente de muitas transgressões letais? A Bíblia aponta que a sexualidade humana expressada fora do casamento transforma-se em uma fonte maligna de pecado. Na verdade, o sexo extraconjugal desumaniza as pessoas.

O primeiro relato bíblico de adultério (Gên. 19:30-38) ilustra a natureza e o efeito de tal experiência. As filhas de Ló o envolveram em ato sexual enquanto ele se achava sob influência do



William de Moraes

álcool; portanto, privado da liberdade de escolha. Tudo aconteceu fora da permanente e exclusiva aliança do casamento. Lô foi usado como um mero instrumento para cumprir os planos de suas filhas. Aquele intercuro nada tinha das dimensões verdadeiramente humanas, nem das características divinamente designadas da autêntica sexualidade. Quando isso acontece, o ser torna-se dividido. O humano desce ao nível de uma natureza dominada pela biologia, que rompe as leis da humanidade que chamam e desafiam uma pessoa a viver todo momento em transcendência sobre a mera natureza.⁸

Quando o sexo ocorre sob a base da insensatez, paixão, romantismo barato, ou fora da aliança matrimonial, a união tencionada por Deus não acontece, porque seres fragmentados não podem se envolver numa autoadoção total. Perde-se a beleza de um ser humano servindo a outro a partir do amor responsável.⁹ O amor “não procura os seus interesses” (I Cor. 13:5). Casamentos enraizados apenas no desejo erótico tendem a ser destruídos, uma vez que a chama da paixão torna-se facilmente em cinzas de ressentimento.¹⁰

Embora a teologia cristã costume fazer uma apropriada distinção entre *agape* e *eros*, devemos evitar a tendência de criar um hiato intransponível entre esses dois sentimentos. Uma conexão inteligente entre eles ajuda-nos a prevenir o aspecto físico do sexo contra a fragmentação do eu humano. Uma superdimensão de *eros* leva ao sexo instintivo e explorador. Daí a necessidade do *agape* incluir outros aspectos especificamente humanos para completar o buquê da intimidade conjugal. Essa é a implicação da doutrina adventista sobre o homem integral indivisível.¹¹

A conscientização de que a presença de Deus é bem-vinda em qualquer aspecto da vida marital se mostrará a mais forte defesa contra o adultério e os desvios sexuais.

Pecado *sui generis*

Em I Coríntios 6:18, Paulo escreve: “Fugi da impureza [*porneia*]. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo [*soma*]; mas aquele que pratica a imoralidade [*porneia*] peca contra o próprio corpo.”¹² Muitos eruditos concordam que aqui Paulo está colocando o pecado sexual numa categoria *sui generis*. E faz isso com base em cinco argumentos:

O primeiro é encontrado no verso 13, ao dizer que “os alimentos são para o estômago, e o estômago, para os alimentos”. Mas o raciocínio paralelo de que a imoralidade é para o corpo e vice-versa não contém a verdade. O sexo não é apenas uma função fisiológica como a digestão.

No segundo argumento, encontrado no verso 14, Paulo afirma não ser correto entregar o corpo à impureza, porque um cristão foi ressuscitado com Cristo e deve viver em harmonia com Ele.

O terceiro argumento (v. 15) defende que somos membros de um corpo cuja cabeça é Cristo. Então, quando permitimos que nosso corpo aja à parte dos impulsos de Cristo, violamos essa realidade.

O quarto argumento é fortíssimo. Para começar, o apóstolo ordena: “Fugi da impureza”. Segundo Albert Barnes, “o homem deveria fugir dela; não deveria racionalizar a seu respeito, discuti-la, nem contender com suas propensões tentando a força de sua virtude. Há alguns pecados que um homem pode resistir; alguns sobre os quais pode raciocinar, sem perigo de manchar-se. Mas este é um pecado onde um homem só está seguro quando foge; livre de poluição apenas quando recusa entreter pensamentos a seu respeito; seguro, somente quando busca a vitória fugindo.”¹³

E Paulo dá a razão para o seu mandamento: “Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo.” (v. 18). Das muitas interpretações que existem sobre essa passagem, duas variantes complementares parecem ser as mais aceitas. Uma argumenta que Paulo se refere à idéia dos coríntios segundo a qual, desde que o pecado pertence ao domínio espiritual e os atos de sexo são uma função exclusiva do corpo, a pessoa podia relaxar quanto ao controle da sexualidade.¹⁴ O apóstolo posiciona-se firmemente contra tal raciocínio, enfatizando que esse tipo de pecado macula a pessoa inteira (*soma*).¹⁵ E isso tem implicações importantes.

A primeira: no pecado sexual, a essência da integridade humana é danificada, porque não apenas os órgãos genitais, mas toda a personalidade é envolvida no relacionamento. Assim, o pecado sexual vai à raiz do nosso ser. Homem e mulher são integralmente afetados; pois tornam-se “os dois uma só carne” (Gên. 2:24).

O sexo não é uma parte do ser humano como são os pés, as mãos e o es-

tômago. Ele envolve o coração, a mente e a atitude. “No amor livre, há uma união carnal, mas não como a Bíblia estabelece. O aspecto espiritual não está associado; há uma desintegração da personalidade.”¹⁶

Segunda implicação: uma personalidade danificada cria um desejo mórbido de satisfação, buscando outras experiências similares que resultam em um cada vez mais crescente rebaixamento da auto-estima pessoal.

Finalmente, um pessoa ferida magoa outra inocente, e acaba legitimando relacionamentos em sua busca por realização pessoal. Por isso, Paulo insiste: “Fugi da impureza.”

O argumento final, no verso 19, lembra os leitores de Paulo de que nosso corpo é o santuário do Espírito Santo.¹⁷ Portanto, quando pecamos sexualmente, estamos tentando forçá-lo a coabitar com nosso pecado. E isso é um assunto muito sério.

Um pastor e sua esposa foram criados como macho e fêmea. Longe de ser, em si mesma, vergonhosa ou pecaminosa, a sexualidade é um maravilhoso, divinamente criado aspecto da humanidade. Deus a recomenda (Gên. 2:24) e Paulo a trata como uma questão de direito conjugal (I Cor. 7:3). Na aliança matrimonial, a sexualidade oferece ao casal a possibilidade de desfrutar uma experiência que pode ser uma das mais articuladas e profundas expressões de amor e unidade. **M**

Referências:

- ¹ G. R. Taylor, *Sex in History* (Nova York: Vanguard, 1954), págs. 214 e 215.
- ² K. Barth, *Church Dogmatics* (Edimburgh: T&T Clark, 1961), vol. 4, pág. 118.
- ³ Lisa S. Cahill, *Between the Sexes* (Philadelphia: Fortress, 1985), pág. 90; e Carol Gilligan, *In a Different Voice* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982).
- ⁴ Helmut Thielicke, *The Ethics of the Sex* (Grand Rapids, MI: Baker, 1975), pág. 46.
- ⁵ Lewis Smedes, *Sex for Christians* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1994), pág. 29.
- ⁶ C. Baroni, *L'infidélité Pourquoi?* (Nyon: Edition Lynx, 1970), págs. 42-49.
- ⁷ *Ibidem*, pág. 57.
- ⁸ *Ibidem*, pág. 48.
- ⁹ *Ibidem*.
- ¹⁰ Lewis Smedes, *Op. Cit.*, pág. 171.
- ¹¹ Helmut Thielicke, *Op. Cit.*, pág. 49.
- ¹² A palavra “imoral” nas traduções inglesas não é usada aqui no sentido tecnicamente ético da palavra. Aqui ela é usada referindo-se especificamente a pecado sexual, traduzida do termo grego *porneia*.
- ¹³ Albert Barnes, *Notes on the New Testament* (Grand Rapids, MI: Baker, 1953), pág. 106.
- ¹⁴ Gordon Fee, *The First Epistle to the Corinthians* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987), págs. 261 e 262.
- ¹⁵ Colin Brown *Dictionary of New Testament Theology* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1979).
- ¹⁶ Gaston Deluz, *A Companion to First Corinthians* (London: Darton, Longman & Todd, 1963), págs. 74 e 75.
- ¹⁷ *SDA Bible Commentary*, vol. 6, págs. 700-703.



Eber Liessi
Presidente da Missão
Mato-Grossense, Brasil

Liturgia

Como a prática da adoração pode ser bíblica, preencher as necessidades dos adoradores e estar de acordo com a dinâmica eclesial

O culto ideal

Se perguntássemos aos adoradores sobre o que acabaram de fazer, terminado o culto sábado pela manhã, o que nos responderiam? Ficaríamos satisfeitos se nos dissessem que participaram de uma reunião de adoração. Mas poderíamos ser surpreendidos com outras respostas. Eles poderiam dizer estiveram numa convenção; ou num encontro de confraternização, aula de treinamento, concerto musical, congresso cultural ou ainda terapia de auto-ajuda.

A Igreja cresceu e surgiram muitos ramos de atividades para ajudar no cumprimento da missão, no crescimento espiritual e manutenção dos crentes. Os departamentos e serviços necessitam divulgar seus planos missionários, e geralmente é utilizada a reunião do sábado porque é mais freqüentada. Contudo, em alguns casos, a adoração a Deus fica obscurecida pelo modo como são destacados projetos ou pessoas.

Sem dúvida, a participação dos diversos segmentos da igreja nos cultos é positiva, especialmente ao se buscar envolver a irmandade na missão. Por outro lado, a fim de se conseguir assistência, não é difícil que um famoso orador, ou grupo musical, seja a fonte de atração. Aqui há uma perigosa tendência a ser evitada: a de visualizar os pregadores como animadores de auditório, os músicos como artistas e a mú-

sica como um *show* religioso. A correta motivação para o serviço religioso é o encontro com Deus, e tudo deve ser feito para cumprir esse objetivo.

Comumente os cultos promocionais tomam muito tempo, o que colabora para a inquietação dos assistentes. Muitas igrejas não utilizam o boletim informativo impresso, gastando, assim, mais tempo com anúncios e campanhas. Nesses casos, atropela-se o tempo disponível para o culto e se transmite a idéia de que projetos são mais importantes do que a adoração. Como resultado, há fraqueza na alimentação espiritual, desestimulando os irmãos. Mesmo as visitas sentem a falta de pregação cristocêntrica e perdem o interesse pela igreja. E não é difícil que o irmão que trouxe um visitante seja desmotivado para trazer convidados posteriormente.

Formas de culto

Uma observação do que acontece ao redor pode servir de alerta. Robinson Cavalcanti, cientista político e ministro anglicano, relatou cinco formas diferentes nos cultos protestantes: o "culto no livro", o "culto do livro" ou "culto-aula", o "culto catarse", o "culto-show" e o "culto espetacular".¹

As igrejas derivadas da Reforma na Alemanha e Inglaterra seguem um cui-

dadoso manual litúrgico. A isso ele chama de "os cultos no livro", cuja forma de adoração tem similaridades com o catolicismo. O nome dado refere-se à rigidez com que cada atividade, minuciosamente descrita nesses manuais, é desenvolvida em todas as congregações. Não há espaço para improvisações ou espontaneidade. Os adoradores se contentam em ouvir, e os testemunhos missionários se restringem ao programado. Tal sistema favorece a uniformidade e facilita a condução das atividades em lugares carentes de liderança. No mesmo dia, em todas as igrejas, os hinos e a mensagem serão os mesmos.

Outros grupos derivados daqueles primeiros realizam os "cultos do livro". São as conhecidas igrejas tradicionais que exercitam o cérebro e reprimem as emoções. Com liturgia simples e maior participação dos membros, a adoração mais se assemelha ao "culto-aula", com os cânticos, as orações e a coleta como contrapontos menores.² Sobre isso, advertiram os autores Sérgio e Magali Leoto: "O bom desejo por um culto ordeiro, muitas vezes acarreta na implantação de atividades que, com o tempo, vão sendo exercidas mecanicamente. Tornam-se uma porta aberta para um falso ritualismo, um mero exercer automático de atividades religiosas... estes tornam-se monótonos,

com repetições cansativas, sendo um obstáculo à adoração.”

Reagindo à aparente frieza e demasiada racionalidade dos estilos anteriores, no fim do século 19 surgiram os “cultos das emoções”, ou catarse, que encontrou nas classes mais populares os seus adeptos mais comprometidos. Característica distintiva dos grupos pentecostais, as emoções “explodem. A fé, mais do que entendida, é sentida. Os gritos são válidos. As lágrimas, respeitadas. Os tremores e expressões corporais, lícitos. No lugar de aula, a catarse, a terapia de grupo gratuita”.⁴ Referindo-se a essa situação, João A. de Souza Filho, comentou: “Toda a dinâmica do culto nas igrejas de hoje parece ser com o objetivo de atingir o pecador. ... Observa-se que quando os hinos não estão motivando, alguém, então, tem que ‘esquentar’ a reunião com corinhos.”⁵ De fato, enfatiza-se a experiência em detrimento da razão. Os sentimentos são supervalorizados. “Nesse sentido, a liturgia contemporânea tem sido fortemente acusada de ser um meio para se atingir as emoções.”⁶

E o que fazer para atender a classe média? Na segunda metade do século passado, surgiram os “cultos espetáculos”. A idéia de púlpito ou altar cedeu lugar à de um palco. Muito diferente da solenidade do culto litúrgico, ou mesmo da simplicidade do culto-aula, separou-se do culto-catarse para dar lugar ao culto-show. Nesse caso, a mensagem tem que ser curta, sem profundidade, e apelar para a paz interior.

O lado positivo deste sistema é o modo como ele atrai pessoas que de outra maneira não voltariam a demonstrar interesse nas coisas religiosas. Entre os que aqui assistem estão os que abandonaram suas igrejas tradicionais devido à frieza da liturgia, ou que, em seu padrão social, não têm as necessidades atendidas pelas igrejas. Entretanto, a mensagem e a doutrina são superficiais, há pouco comprometimento com padrões cristãos de conduta.

Conforme Don Hustad, professor de música religiosa no *Southern Baptist Theological Seminary*, nos Estados Unidos, “muitas igrejas reavivamentalistas de hoje decidiram reformular seu estilo de acordo com o que é apresentado na televisão. ... Os organizadores do culto para a superigreja estão convencidos de que devem planejar programas atrativos para os inconversos, com

uma exibição de estímulo emocional igual ao que é executado por artistas profissionais do *show business secular*”

E com ele ecoa Valdeci dos Santos: “Um dos meios pelos quais essa ênfase humanística em nosso meio se manifesta é através de nossa busca frenética por entretenimento. ... Neste contexto, o culto foi transformado em um ‘programa’ e o desejo de se obter ‘felicidade’ é certamente maior do que o de se obter ‘santidade’. ... Julgamos o culto como ‘agradável’, não como base na instrução bíblica apresentada, mas no grau de ‘satisfação’ pessoal alcançada. Assim, nossa pregação tornou-se uma homilética de consenso, na qual a boa mensagem não é a que confronta nossos pecados, mas a que nos faz sentir melhor. Além do mais, sermões tornaram-se mais curtos porque nossa atenção e memória são curtas.”⁸

Como essa versão de culto foi muito aceita, embora restrita aos crentes de maior estabilidade econômica, nas duas últimas décadas foi criada uma adaptação do culto-show ou culto-espetáculo para o que Cavalcanti denominou de “culto-espetacular”. Atingiu em cheio aqueles que esperam resultados existenciais concretos e imediatos, conseguidos “com a compra de ações na bolsa de valores celestial”. As campanhas financeiras são feitas abertamente e ocupam muito tempo da programação

Após as descrições acima, Cavalcanti lamentou que entre os evangélicos há “carência de reverência”. E, entre suas recomendações, sugeriu que o culto deveria ser “mais solene, mais contrito, mais adorador... para a maior glória de Deus”.⁹

Compreensão de adoração

Em vista disso, como tornar a adoração mais significativa para uma comunidade repleta de jovens, adultos com as mais variadas necessidades espirituais, crianças e idosos? Como conduzir a prática da adoração que seja bíblica e atenda necessidades espirituais, combinando com a dinâmica do funcionamento eclesialístico? Aqui vão algumas sugestões:

Em primeiro lugar, há uma necessidade urgente de estudo da teologia da

adoração. Como bem percebeu Zinaldo A. Santos, “a excelência da qualidade da adoração será alcançada na medida em que os adoradores forem conscientizados do que realmente significa cultuar a Deus”.¹⁰ Para isso, os líderes não devem procurar imitar o que é feito pela mídia. Ao contrário,

Crentes adoradores são mais ativos no reino de Deus, pois com o serviço expressam seu amor a Ele.

“a qualidade do culto da igreja deve estar fundamentada num estudo com base escriturística, teológica e prática da história da adoração”.¹¹

Winfred Vogel, presidente do Seminário de Bogenhafen, Áustria, escreveu sete idéias acerca da adoração em conjunto: “adoração é uma vida santificada; Deus é o centro e o enfoque da adoração; adoração é partilhar da graça de Deus; adoração tem mais a ver com dar que receber; adoração é ouvir a Palavra de Deus; adoração é o elo na comunhão; adoração é um antegozo do Céu.”¹²

Dessa forma, tudo o que é realizado no culto, como “os sermões, as porções das Escrituras, os hinos e as orações devem expressar plenamente quem é Deus e o que Ele tem feito, suscitando uma resposta do adorador a essa revelação. Finalmente o culto deve fazer tudo isso através de maneiras que falem emocional e intelectualmente ao homem moderno. Genuína expressão emocional, para clarificar e intensificar a verdade, é válida. Mas emoção pela emoção, leva a ‘louvar o louvor’ e ‘cultuar o culto’”.¹³

Adoração e serviço

Em segundo lugar, necessita-se colocar o chamado para o serviço cristão no seu devido lugar. Quando Jesus foi tentado pelo inimigo no deserto, Ele respondeu tanto sobre a importância de adorar ao Senhor, como de servi-Lo, estabelecendo a devida prioridade: “Porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a Ele servirás” (Mat. 4:10). O princípio estabelecido aqui é que, primeiro, vem

a adoração, depois o serviço. Em outra situação, o Mestre afirmou que a boa parte estava em permanecer aos Seus pés (Luc. 10:42).

É certo que a Igreja tem projetos que precisam ser divulgados. Os crentes precisam ser motivados ao envolvimento na missão. Mas antes de tudo precisamos consolidar nosso relacionamento com Ele. Como escreveu Judson Cornwall, o que “Deus realizou no Calvário não foi libertar escravos para que passassem a servi-Lo; não. O que Ele fez foi restaurar filhos à comunhão com o Pai”. ... Nesses 30 anos de pastorado, tenho observado que é muito raro um crente ativo no trabalho ser um adorador. É que em vez de expressar sua devoção a Deus pela adoração, ele a expressa trabalhando. É muito raro o empenho no serviço frutificar em adoração. O normal é a adoração frutificar em serviço. De modo geral, os crentes adoradores são os mais ativos no reino de Deus, pois com o serviço expressam seu amor a Ele.”¹⁴

Calendário denominacional

A terceira sugestão envolve o estudo do calendário denominacional. Entendemos que projetos, datas, sermões

e orientações são sugestivos. Cada igreja deve planejar e trabalhar de acordo com suas necessidades e possibilidades. Evidentemente, como um organismo mundial, são necessários conscientização e esforço conjunto de cada congregação para que grandes objetivos sejam alcançados. Mesmo nessas situações, há liberdade de uso dos dons locais. E, diferente do que tem ocorrido, os projetos do calendário eclesiástico e das datas especiais podem até contribuir para o enriquecimento do culto e para melhor nutrição espiritual.

O símbolo da Igreja como um corpo, usado por Paulo (I Cor. 12:12-30), é válido neste contexto. Rejeitando as tentativas de priorizar determinados departamentos em detrimento de outros, e incentivando a cooperação mútua das diversas áreas, a missão litúrgica será reforçada. Em lugar de dividir, os benefícios serão maiores, porque as pessoas têm interesses diversos e são sensibilizadas também com formas variadas.

As campanhas podem ser realizadas de formas alternativas. Pode-se utilizar melhor o boletim, material impresso pode ser distribuído após o culto, e o contato pessoal entre promotores e membros é mais efetivo. O

sistema de mala direta, por correio tradicional ou eletrônico, atinge bom grupo de pessoas. E quando há necessidade de informação pública, ela deveria ser feita de modo breve, conveniente e antes do culto.

Cada reunião, um objetivo

Uma quarta sugestão se faz necessária. A igreja primitiva tinha uma vida de adoração simples e fervorosa. “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações... louvando a Deus e cantando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (Atos 2:42 e 47). É necessário que se faça distinção entre as características básicas de cada culto: de estudo, de comunhão e de proclamação. Cada um tem um propósito específico. Para que sejam efetivos, é importante conferir porque as pessoas vão aos cultos. Jonas Arrais, secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana, imagina que para alguns é uma questão de hábito apenas. Outros vão porque atravessam uma fase de lutas espirituais, e se encontram tristes ou feridos, perdidos ou solitários. Em tais ca-



tos, a frequência aos cultos se torna uma busca por conforto e “respostas. Outros ainda vão aos cultos contra a vontade – os pais ou o cônjuge os forçam a ir. Eles cedem por amor à paz”.¹⁵

Em lugares onde o mesmo edifício é usado para diversas finalidades, é comum confundir o propósito da reunião. E como geralmente se introduz cada encontro com uma prece, aumenta a responsabilidade em fazer diferenciação entre culto de adoração, campanhas evangelísticas, classes bíblicas, reuniões de treinamento, palestras culturais, encontros sociais, etc. Seja o que for, o propósito básico de um templo é servir de ambiente para adoração.

O lugar da Palavra

A centralidade da Bíblia é a quinta sugestão. Cláudio Hirle opina que “desenvolver qualquer programa ou encontro na casa de Deus, sem a centralidade da Palavra... qualquer concentração da igreja, seja um encontro jovem, um musical que apresente arte, cultura e emoção, se não oferecer a Palavra ou se atribuir a ela posição secundária, poderá levar os presentes a qualquer reação, menos a uma atitude de adoração.

“A arte tem o poder de impressionar, mas é a Palavra que tem o poder de transformar”.¹⁶

Ed Christian, professor na Universidade da Pensilvânia, faz um questionamento interessante. Por que levar a Bíblia à igreja, se raramente ela é lida? Ed recomenda a leitura vagarosa, pois na leitura da Bíblia, “há poder, convicção e encorajamento para a congregação”.¹⁷

A música

Em sexto lugar, para tornar a adoração mais significativa é preciso valorizar o canto congregacional. No passado, o reformador Zúnglio chegou a eliminar toda música do culto. Outros, mais tolerantes, limitaram-na aos “salmos métricos, canto uníssono pela congregação. Hinários foram queimados e órgãos destruídos a golpes de machado.”¹⁸ Mais tarde, surgiu a música evangélica da época dos movimentos reavimentalistas dos séculos 19 e 20.

Hoje, algumas igrejas cantam muito, correndo o risco de fazê-lo de forma repetitiva e sem sentido, além de tomar muito tempo. Deve-se evitar

tudo aquilo que pareça formalidade. Haveria muito mais benefício em cantar dois ou três hinos no momento do louvor congregacional. Essa prática, bem dirigida, cria uma atmosfera ideal para o sermão. A música congregacional perde seu poder, se for usada no momento inadequado, como, por exemplo, quando se deseja que os adoradores entrem no templo.

Tem-se usado frequentemente cantar uma melodia projetada numa tela. Uma justificativa é que tal prática ajuda a melhor fluência, já que ninguém necessita “recorrer ao hinário para encontrar um hino. ... Mas existe algo negativo... o uso do hinário é uma lembrança da historicidade de nossa fé, porque Deus é Deus da História”.¹⁹

Participação total

A adoração pode se tornar muito mais significativa, se possibilitar maior participação. Essa é a sétima sugestão. James Cress, secretário ministerial da Associação Geral, mencionou como obteve crescimento em sua igreja, através da revitalização da adoração:

“Nossos serviços tornaram-se dinamicamente tradicionais. Os assistentes reconheceram rapidamente um típico serviço adventista, porém com uma participação vital. Priorizamos atrair os que não vinham. Incluímos hinos familiares e fáceis de cantar bem como mais apresentações musicais especiais, mesmo acrescentando 15 minutos. Limitamos anúncios. Incrementamos a participação da audiência na leitura das Escrituras, pedidos de oração e testemunhos. Providenciamos esboços de sermão nos quais os ouvintes poderiam ‘preencher os espaços’; transformamos eventos comuns, como dedicação de criança e formaturas, em apresentações de destaque... Para o crescimento espiritual, fazer é mais importante do que observar.”²⁰

Atenção às crianças

Atividades adequadas para crianças são o oitavo fator para uma adoração significativa. Ao invés de separar as crianças, elas podem ser envolvidas no culto através de folhas para preencher ou pintar com ilustrações relacionadas ao sermão. Para aquelas que já sabem ler e escrever, é conveniente o uso de alguns testes sobre textos usados no sermão. Elas podem ser estimuladas a levar à frente sua oferta. Já está sendo praticada a adoração infantil no culto

sabático. Apesar de em alguns casos o tempo ser extrapolado, há uma motivação para crianças e pais. Mas caso seja necessário retirar a história das crianças, essa parte pode ser substituída por figuras que elas mesmas buscam com o pregador, durante um hino. “Peça para que elas façam sua própria interpretação da mensagem do sermão. Recolha as pinturas à saída e coloque-as no mural para o próximo sábado. Dê-lhes um destaque especial.”²¹

Outras sugestões incluem evitar intervalos entre as diversas atividades, usar o sistema multimídia para projeção de anúncios, tornar o ofertório uma experiência inspiradora, equilibrar o volume do som, cuidar da aparência do local de adoração, para que tenha um toque de arte, beleza e bom gosto, além de uma bem treinada equipe de recepção, diácono e liderança.

A adoração é a experiência mais satisfatória do cristão que experimentou na vida o novo nascimento e se prepara para a eternidade. “Então ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles” (Apoc. 21:3). **M**

Referências:

- ¹ Robinson Cavalcanti, “O culto evangélico no Brasil”, *Ultimato*, janeiro de 1997, págs. 42 e 43.
- ² *Ibidem*.
- ³ Sérgio e Magali Leoto, “Louvor e adoração”, geocities.yahoo.com.br/levipt/conteudo/artigos/adoracao/louvor-adoracao.htm
- ⁴ Robinson Cavalcanti, *Ibidem*.
- ⁵ João A. Souza Filho, *O Ministério de Louvor da Igreja* (Venda Nova, MG: Editora Betânia, 1988), pág. 17.
- ⁶ Valdeci dos Santos, “Refletindo sobre a adoração e o culto cristão” www.thirmill.org/files/portuguese/20851-9-10-01-10-25-36-AM-refletindo-sobre-a-adoracao.htm
- ⁷ Don Hustad, “Mudanças no culto cristão”, *Ministério*, março-abril 1996, pág. 12.
- ⁸ Valdeci dos Santos, *Ibidem*.
- ⁹ Robinson Cavalcanti, *Op. Cit.*, pág. 17.
- ¹⁰ Zinaldo A. Santos, “Qualidade na adoração”, *Revista Adventista*, abril de 1996, pág. 10.
- ¹¹ Don Hustad, *Op. Cit.*, pág. 16.
- ¹² Winfried Vogel, “A família de Deus adora unida”, *Revista Adventista*, outubro 1999, págs. 14 e 15.
- ¹³ Don Hustad, *Op. Cit.*, *ibidem*.
- ¹⁴ Judson Cornwall, *Adoração como Jesus Ensinou* (Editora Betânia, Venda Nova, MG, 1995), pág. 56.
- ¹⁵ Jonas Arrais, “Por que adoramos”, *Revista Adventista*, outubro 2002, pág. 8.
- ¹⁶ Cláudio Hirle, “A adoração reconhecida pelo Céu”, *Revista Adventista*, março 2003, pág. 12.
- ¹⁷ Ed Christian, “Putting the Word back in worship”, *Ministry*, julho 2001, págs. 20 e 21.
- ¹⁸ Don Hustad, *Op. Cit.*, pág. 11.
- ¹⁹ *Ibidem*, pág. 15.
- ²⁰ James A. Cress, “Worship is a verb”, *Ministry*, junho 1995, pág. 29.
- ²¹ Luís André dos Reis, “Sugestões para melhorar a adoração em sua igreja”, *Revista Adventista*, setembro 1995, págs. 4 e 5.



Divulgação

José Carlos Ebling

Ph.D., professor no Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

Devocional

O mundo tem soluções, que não devem ser usadas pelos cristãos, para resolver o problema. Mas Deus apresenta uma proposta infalível

Remédio contra amargura

Porventura você já se sentiu amargurado? Conhece ou convive com alguém que alimenta sentimentos de amargura? Como pastores, necessitamos estar preparados e saber como ajudar a solucionar esse problema, observando e examinando o exemplo de personagens que, como você e eu, não estão imunes à amargura.

No Antigo Testamento, houve uma mulher cujo nome significava “ditosa”, “feliz”. Era Noemi, que se mudara de Israel para outro lugar, com seu marido e filhos. Acabou ficando viúva e, nos anos seguintes, seus dois filhos também morreram. Numa conversa com suas noras, ela disse: “... a mim me amarga o ter o Senhor descarregado contra mim a Sua mão” (Rute 1:13). Chegando a Belém, advertiu as pessoas que se aproximavam dela: “Não me chameis Noemi, chamai-me Mara, porque grande amargura me tem dado o Todo-poderoso. Ditosa eu parti, porém o Senhor me fez voltar pobre; por que, pois, me chamareis Noemi, visto que o Senhor Se manifestou contra mim e o Todo-poderoso me tem afligido?” (vs. 20 e 21).

Para ela, fora Deus quem lhe tirara o marido e os filhos. Cinco vezes, nesses versos, ela culpa o Senhor pela amargura que sentia. Assim o fazem muitas pessoas hoje. Não apenas são, mas aparentemente gostam de ser amarguradas. Elas estão no mundo e na igreja que frequentamos ou lideramos. É fácil reconhecê-las. Basta reparar nos olhos e nas rugas do rosto, até de pessoas jovens. Elas podem ser vistas até quando estão sorrindo, falando. A amargura pode ser vista no tom de voz. Ela impregna tudo.

Outro personagem amargurado foi Jonas. Observe seu diálogo com Deus: “Então, perguntou Deus a Jonas: É razoável essa tua ira por causa da planta? Ele respondeu: É razoável a minha ira até à morte” (Jonas 4:9). Ele achava que estava certo em sentir-se amargurado. Há pessoas que gostam de manter amargura contra outras. Mas o apóstolo Paulo aconselha: “Longe de vós, toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia. Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou.” (Efés. 4:31 e 32).

Reação à ofensa

Aqui está a questão: É possível ser terno, compreensivo e amargurado ao mesmo tempo? Amargura e ternura são atitudes interiores. Mas de tão contraditórias, não podem conviver juntas no coração. Paulo diz que devemos abandonar toda amargura e nos tornarmos mutuamente atenciosos e compassivos. Portanto, a amargura deve sair. Mas, antes que seja removida, precisamos conhecê-la. Embora seja relativamente fácil ver quando outras pessoas são amarguradas, nem sempre é fácil identificar esse sentimento em nós mesmos. Por isso é importante termos uma compreensão bíblica desse problema.

Suponhamos que um cristão cometa um pecado; conte uma mentira, por exemplo. Que sentimento ele terá: culpa ou amargura? A resposta é culpa. Mas digamos que alguém espalhe alguma falsidade sobre esse cristão. Qual seria agora o seu sentimento? Amargura. Culpa é o que sentimos quando pecamos. Amargura é sentida quando outros pecam contra nós. Se tivéssemos cometido a ofensa, sentiríamos culpa e saberíamos ser nosso dever confessá-la e abandoná-la. Mas o que fazer com a



William de Moraes

não garante a ninguém esse direito. Paulo nos diz que devemos abandonar toda amargura, e acrescenta: "... nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, vos perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados" (Heb. 12:15).

Nesse texto, a amargura é descrita como uma raiz. E, como sabemos, a raiz encontra-se embaixo da terra e não pode ser vista, embora haja sinais visíveis de sua presença. O fato de que uma raiz não seja vista não significa que ela não exista. O fruto que nasce mantém uma relação direta com a raiz que o produz. Assim como a raiz de uma macieira gera maçãs, a raiz da amargura fornecerá frutos amargos. Precisamos então cui-

dar para que nenhuma raiz de amargura cresça, cause problemas e prejudique as pessoas.

Você já viu a amargura espalhar-se pela igreja? Ela pode invadir uma congregação como fogo espalhando-se no capim. Por que isso acontece? Alguém estava amargurado, deixou a raiz vir à superfície e gerar frutos. Compartilhou isso e muitas pessoas se tornaram amargas. O autor do livro aos hebreus nos adverte no sentido de cuidarmos para que ninguém abandone a graça de Deus. Quando permitimos isso, a amargura floresce e contamina muitas pessoas.

Se um indivíduo conserva a amargura dentro de si, pode até adoecer. Então vai ao clínico geral, que o encaminha a um psiquiatra. Este concorda com a existência da doença e diz: "Você realmente está doente por causa de 20 anos amargurado com alguma pessoa. Você tem mantido isso encoberto por todos esses anos e agora o sentimento está apodrecido dentro de você; o veneno está agindo tornando-o fisicamente doente. Volte e compartilhe sua amargura com a pessoa envolvida. Ponha-a para fora. Deixe a outra pessoa doente também."

Desse modo, o mundo tem duas soluções para a amargura: mantê-la inte-

riorizada no indivíduo, fazendo-o adoecer, e deixá-lo sair e espalhar a doença ao redor de si. Mas a solução de Deus é arrancar a raiz, o que só é possível pela ação da Sua graça. A pessoa necessita conhecer Jesus Cristo para ser capaz de extirpar de si a amargura. As soluções do mundo não deveriam ser usadas pelos cristãos. Quando escolhemos imitar o mundo, sempre teremos prejuízo. Assim, não devemos manter a amargura dentro de nós, nem compartilhá-la. Devemos submetê-la ao Pai, através do Filho.

"Se, pelo contrário, tendes em vosso coração inveja amargurada e sentimento faccioso, nem vos glorieis disso, nem mintais contra a verdade. Esta não é a sabedoria que desce lá do alto; antes, é terrena, animal e demoníaca. Pois, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins" (Tia. 3:14-16).

Se você pensa que, com o tempo, o ciúme e a mesquinhez – frutos da raiz da amargura – cederão à maturidade e desaparecerão, está enganado. Ao contrário disso, com o passar dos dias, tais características tornam-se mais intensas. As pessoas amarguradas ficam mais amargas, com a maturidade. E se abrigamos amarga inveja, práticas más serão o resultado. Isso não vem do Céu, mas do demônio.

A rota da libertação

Antes de podermos nos livrar da amargura, precisamos admiti-la em nós mesmos. Uma boa evidência de que estamos amargurados é esta: a amargura relembra detalhes. Você tem tido milhares de conversas ao longo da vida, a maioria das quais ficou no esquecimento. Mas uma conversa geradora de amargura pode ter ocorrido cinco ou mais anos atrás, e você ainda se lembra de cada palavra dita ou ouvida, da entonação e da inflexão da voz. Você sabe exatamente o que aconteceu, o que significa que está amargurado. Alguém poderia objetar e dizer que também é possível ter lembrança de conversas boas. Mas as pessoas costumam lembrar mais e mais as coisas ruins em lugar de coisas boas.

Tenho trabalhado muito no aconselhamento de pessoas em processo de divórcio. Algumas delas me são conhecidas desde a época em que se casaram, uma ocasião em que eram muito felizes. Mas no processo do divórcio não conseguem se lembrar de um momento

culpa dos outros? A amargura está sempre baseada no pecado, real ou imaginário, de outra pessoa.

Consideremos uma ofensa imaginária. Muitas vezes ficamos amargurados por imaginarmos que alguém falou ou fez algo que na realidade não aconteceu. Esperamos um pedido de perdão que a pessoa não pode fazer. Permaneceremos em amargura pelo resto da vida? A propósito, pessoas amarguradas não imaginam a possibilidade de estarem enganadas. Enquanto houver amargura, a culpa da outra pessoa lhes parece sempre real.

E quanto à ofensa genuína? Alguns indivíduos amargurados foram realmente maltratados. Como lidar com isso? A amargura está baseada na ofensa que, de alguma forma, se relaciona conosco. Não depende de quão grande ou intenso seja o mal cometido, mas de quão íntimo e próximo de nós é o ofensor. E os prováveis candidatos são: pais, irmãos, esposo, esposa, filhos, colegas, superiores imediatos, subordinados, e assim por diante. E há muitas pessoas amarguradas contra Deus.

Contaminação venenosa

Você pode pensar que tem o direito de ficar amargurado, mas a Bíblia

de felicidade. Todo o relato gira em torno do que lhes causou mágoa. Isso não significa que não experimentaram momentos felizes; mas que têm se concentrado em quão certas elas estavam e quão errada estava a outra parte. Se alguém tem uma memória afiada em detalhes de coisas que aconteceram anos atrás, quando ainda era criança ou jovem, e tal memória é direcionada à acusação de outra pessoa, aí está a indicação de alguém amargurado.

Precisamos estar dispostos a perdoar, mesmo antes de o ofensor se dizer arrependido.

Então, por que não nos livramos da amargura? O problema é que para conseguirmos isso, precisamos trazer a ocorrência da amargura de volta ao nosso próprio coração. Mas em vez disso, a tentação é apontar o ofensor e dizer: “veja o que ele fez.” Essa é a natureza da amargura. Para arrancá-la de mim, preciso reconhecer que este é o meu problema, antes que eu possa confessá-la e esquecê-la.

Mas alguém pode dizer: “Não estou amargurado. Apenas fico facilmente ferido.” Porém os sintomas de uma ferida emocional são muito semelhantes aos de ressentimento. Há uma íntima relação entre alguém estar ferido e sentir-se amargurado. O ressentimento se transforma em profunda amargura. Na amargura o ressentimento apenas se tornou rancoroso e deteriorado; é guardado e tende a piorar. Os elos na corrente continuaram. Há uma conexão entre amargura e ódio, e uma identificação bíblica muito clara entre ódio e assassinato.

Precisamos entender quão pecaminosa é a amargura. A razão pela qual as pessoas não lidam diretamente com esse pecado, é pensarem que ele pertence a outra pessoa. O inimigo pode cochichar: “Bem, quando seu ofensor parar de lhe magoar e lhe disser que está arrependido, você se sentirá melhor.” Mas suponhamos que ele não tome tal iniciativa. Você ficará amargurado pelo resto da vida? Isso não faz sentido. Você também pode dizer: “Eu o perdorei quando ele se confessar arrependido, mas antes não. Tenho o direito de ficar amargurado até

então.” Você mantém essa muralha de amargura, e um dia o ofensor chega e lhe diz: “Sinto muito; estou arrependido.” Dificilmente você o perdoará, porque a amargura não perdoa. Para perdoar, você precisa estar pronto antes que o ofensor lhe diga que está arrependido. Em outras palavras, você deve se livrar da amargura, independentemente do que a outra pessoa faça.

A amargura é um pecado que se mantém sozinho. A pessoa amargurada decide ser amarga, independente do ofensor. Já vi situações em que o pedido de perdão foi feito e a pessoa ofendida se mantinha amargurada. Igualmente conheço pessoas cuja amargura é em relação aos pais que já morreram e não podem pedir perdão. Mas a amargura não morreu.

O Dr. Jim Wilson, em seu livro *How to be Free From Bitterness*, conta de uma conversa com um prisioneiro, a quem várias vezes falara sobre o evangelho e tocara claramente no assunto de amargura. Certa ocasião, esse prisioneiro lhe disse: “Como você pode se livrar da amargura contra alguém que espanca seu filho, de apenas três anos, injusta e imerecidamente?” Wilson respondeu: “Você sabe, quando se livrar da sua amargura, você poderá ajudar essa pessoa, de modo que ela não mais baterá ou agredirá outras crianças.” O prisioneiro retrucou: “Não, esse camarada não pode ser ajudado.” Jim Wilson então soube que esse homem estava preso porque assassinara um homem que agredira seu filho de apenas três anos. E estava amargurado. Expressar amargura não é livrar-se dela.

A única solução para esse problema é a confissão diante de Deus, na dependência dos méritos de Jesus Cristo, por causa da Sua morte e ressurreição. Não devemos manter nem compartilhar a amargura com outras pessoas. Há apenas uma coisa a fazer: confessá-la como um grande pecado e pedir perdão por ele. Precisamos ser persistentes na confissão.

Derramando “água doce”

Amy Carmichael, em seu pequeno livro *If*, faz uma observação significativa. Diz ela: “Um copo cheio de água doce até a borda não pode derramar nem mesmo uma gota de água amarga, mesmo que seja subitamente abalado.” Se ele estiver cheio de água doce e for

agitado, derramará apenas água doce. Caso sofra um abalo mais forte, derramará mais água doce. Semelhantemente, se alguém estiver “cheio de água doce” e sofrer algum tipo de agressão, entornará apenas água doce. O solavanco não transforma a água doce em amarga. O abalo apenas põe para fora do recipiente o conteúdo que já estava retido dentro dele.

Se você estiver repleto de doçura e luz, e for abalado, irá exteriorizar doçura e luz. Caso esteja cheio de mel, é isso que derramará. Se derramar vinagre é porque esse líquido já estava no recipiente do seu ser. Em outras palavras, muita amargura não está baseada, absolutamente, no que a outra pessoa fez; mas no que alimentamos e acariciamos dentro de nós. Se estivermos cheios de doçura e luz, poderemos dizer: “Veja o que fez aquele pobre indivíduo. Se eu fizesse algo assim estaria me sentindo terrível. Ele deve estar se sentindo justamente assim. Acho que vou ajudá-lo.” Se não for essa a nossa reação, estamos amargurados e pecando.

Acredito que esse pecado é o principal empecilho para um reavivamento espiritual entre nós – ministério e igreja. Deus disse através de Ellen White: “Os homens podem ter excelentes dons, boas aptidões, qualidades esplêndidas; um defeito, porém, um pecado secreto nutrido, demonstrar-se-á para o caráter o que a prancha carcomida pelo verme é para o navio – completo desastre e ruína! ...” (*Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 479). Quando os cristãos começarem a confessar seus pecados, eles serão capazes de perdoar os pecados de outros.

Façamos uma sincera e real autoanálise. Então, pela graça de Deus ponhamos em prática o conselho de Paulo: “Longe de vós, toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda a malícia. Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou. Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou e Se entregou a Si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave.” (Efés. 4:31-5:2).

Tal experiência deve ser vista em nosso relacionamento matrimonial, no trato com os colegas, líderes e liderados, como representantes e portavozes de Deus. **M**



Mesa Plenária histórica

DSA cria nova União e reafirma programa de evangelismo integrado

Rubens Lessa

Enviado especial

A partir de janeiro de 2005, o Brasil terá mais uma União: a União Centro-Oeste-Brasileira, cujo território abrangerá os Estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal. Para presidente e secretário-tesoureiro, foram eleitos respectivamente os Pastores Helder Roger Cavalcante e Jairo dos Anjos, na Mesa Plenária da Divisão Sul-Americana, DSA, realizada nos dias 3 a 6 de maio, em Brasília. O Pastor Roger foi por nove anos presidente da União Nordeste-Brasileira, Uneb, e Jairo dos Anjos ocupava, até então, o cargo de tesoureiro da Associação Catarinense, AC. Até dezembro eles estarão empenhados em criar a infra-estrutura para o funcionamento da recém-criada União, cuja sede será em Brasília.



Pastor Nagel: "Estamos dividindo para multiplicar"



Visão parcial dos participantes da Mesa Plenária

Para a presidência da Uneb foi eleito o Pastor Geovani Queiroz, que administrava a Associação Pernambucana, AP.

Com essas mudanças no mapa denominacional, a União Central-Brasileira, UCB, ficará circunscrita ao Estado de São Paulo e a União Sul-Brasileira, USB, perderá o Estado de Mato Grosso do Sul.

Justificativa

As razões apresentadas para a criação da União Centro-Oeste foram:

1. Houve um extraordinário crescimento do número de membros na DSA, nos últimos oito anos: de 1.271.341 membros, em 1995, para 2.273.215, em 2003.

2. O estabelecimento de nove novos Campos no Brasil, desde 1996, e a formação prevista de mais um em 2004.

3. O desafio de expandir o evangelho nas grandes cidades, especialmente em São Paulo.

4. Os objetivos de Missão Global de penetrar em áreas sem presença adventista.

5. A necessidade de atender melhor os membros, especialmente nos Estados de Mato Grosso e Tocantins.

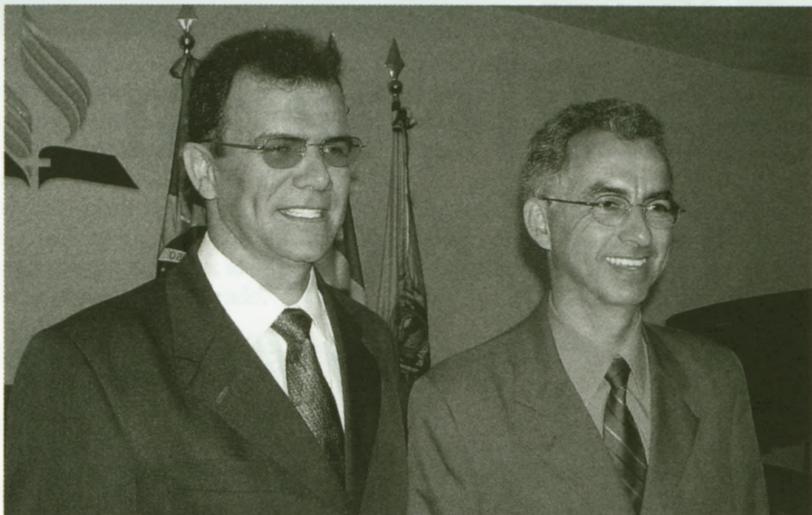
Tão logo foram eleitos os administradores da nova União, o Pastor Ruy Nagel, presidente da DSA, disse: "Este é um dia histórico para a Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil."

Destaques

Durante a Mesa Plenária, os diretores dos departamentos da DSA apresentaram seus planos de trabalho e a reportagem anotou os seguintes destaques:

1. O Ministério da Mulher está preparando uma revista de 32 páginas sobre violência e abuso no âmbito da família. Será distribuída no quarto sábado de agosto, em todas as igrejas.

2. O Ministério da Criança está propondo o bloco "Adoração In-



Pastores Geovani Queiroz e Helder Roger, respectivamente presidentes das Uniãoes Nordeste e Centro-Oeste

fantil” em lugar do já conhecido “Cantinho da Criança”, e recomenda que as histórias para as crianças sejam de preferência bíblicas, e que esse bloco seja encerrado com uma oração.

3. A meta prioritária do Departamento de Jovens é incentivar a juventude adventista a assumir três compromissos: com Deus, com a Igreja e com a missão. A Associação Geral definiu 2005 como “Ano do Compromisso Jovem”.

3. Na área educacional, o grande desafio é abrir mais escolas. A rede escolar da Igreja atende apenas 15% dos alunos adventistas.

4. O Departamento de Mordomia está preparando um livro intitulado *As Ofertas que Agradam a Deus*. O objetivo é fomentar o plano “Adorando a Deus com as minhas ofertas”.



Evelyn Nagel: feliz com o plano de publicar uma revista sobre violência e abuso na família

5. A área de Colportagem propôs a criação do “Seminário do Ministério de Publicações” em cada Associação/Missão. Dois novos livros serão lançados em junho: *A Saúde Pela Natureza* e *Vida de Jesus*, em formato magabook, com ilustrações em cores.

6. A revista *Enriquecendo a Escola Sabatina*, preparada sob a coordenação do Pastor Osmar Reis, será usada nos encontros de treinamento e motivação dos coordenadores das unidades.

Ação integrada

Em toda a DSA, os líderes estão olhando na mesma direção: a pregação do evangelho. Por isso os métodos diferem muito pouco de região para região.

O novo presidente da Uneb, Pastor Geovani Queiroz, vai continuar a obra de seu antecessor: ênfase nos Pequenos Grupos. Ele recebe a incumbência com muita expectativa. “Estou certo de que Aquele que me chamou vai me capacitar para essa grande tarefa.” O Pastor Helder Roger Cavalcante, por sua vez, diz que se acha diante de outra realidade, “mas espero ser amado pelos pastores e membros da União Centro-Oeste e desejo amá-los também”. Os Pequenos Grupos constituem a marca de seu trabalho.

“Tenho sentido os grandes benefícios desse método.”

Na União Peruana, o Pastor Melchor Ferreyra continua animado com os Pequenos Grupos, ali implantados desde 1998. “Eles são a nossa maior força, pois preparam candidatos ao batismo durante um período de oito a nove meses.” Com esse método, apenas 17% das pessoas batizadas abandonam a Igreja, ao passo que as igrejas que não o adotam chegam a ter um índice de 80% de apostasia.

O Pastor Domingos José de Sousa, há poucos meses na UCB, afirma que “cada membro deve se encaixar onde se sinta mais capacitado, dentro do programa da Igreja”. O Estado de São Paulo tem cerca de 150 mil adventistas.

A oração intercessória é o “fator de motivação nas atividades missionárias da União Este-Brasileira”, UEB, diz o Pastor Wandyr Mendes de Oliveira. “Os membros estão sendo incentivados a orar pelos interessados.”



Leonel Lozano: novo presidente da União Equatoriana

Na União Equatoriana, está-se implantando o programa dos Pequenos Grupos. O Pastor Leonel Lozano, eleito durante a última Mesa Plenária, espera que esse método se torne “um estilo de vida”.

A União Norte-Brasileira, UNB, usa classes bíblicas, semanas de colheita e evangelismo público como métodos de pregação. “Só neste ano, foram realizados mais de 3,5 mil Calvários, a maioria dos quais sob a responsabilidade de leigos”, informa o Pastor Izéas Cardoso.



Raquel Arrais: "O Ministério da Criança precisa ter um cunho de missão"

"A adesão de membros que não tiveram o coração renovado e reformada a vida é fonte de fraqueza para a igreja. ...

Nisto Satanás triunfa. Esses convertidos são seus agentes mais eficientes."

Ellen G. White

"Este é o mistério da riqueza da divina graça para os pecadores: através de uma maravilhosa troca, nossos pecados não são mais nossos, mas de Cristo; e a integridade dEle é nossa."

Martinho Lutero

E até mesmo na União Austral (Argentina, Uruguai e Paraguai), onde o progresso era lento, os Pequenos Grupos estão sendo implantados. "Estamos trabalhando em harmonia com o plano de Evangelismo Integrado, que prioriza a participação da maioria dos membros em pequenos grupos", diz o Pastor Bruno Raso.

No Chile, que tem 112 mil adventistas, os métodos mais bem-sucedidos são: duplas missionárias, Pequenos Grupos, instrutores bíblicos e equipes evangelísticas. "Temos tido êxito na mobilização de um grande número de membros", informa o Pastor Guido Quinteros.

Já a União Boliviana, liderada pelo Pastor Eric Monnier, tem como ponto forte o uso da televisão e da rede de rádio Novo Tempo para grandes campanhas evangelísticas. Sem desprezar os métodos convencionais, a ação integrada

dos pregadores com os meios de comunicação tem alcançado ótimos resultados.

Na opinião do Pastor Nagel, a Igreja cumpre melhor sua missão quando pastores e membros trabalham olhando na mesma direção. "Agradeço a Deus as bênçãos do Evangelismo Integrado em nossa Divisão", diz ele.

Quanto à criação da nova União, ele explica: "Estamos dividindo para multiplicar, pois nosso propósito é avançar na pregação do evangelho e atender melhor nossos pastores e membros." E faz um apelo: "Tudo neste mundo indica que o fim está se aproximando. Em face do grande desafio que temos, somente unidos poderemos cumprir a missão que Deus nos confiou."

Os propósitos e planos acima relatados foram reforçados pelas mensagens matinais apresentadas pelo Pastor Agustín Galicia, secretário associado da Associação Geral. "Na obra de Deus, a atitude faz a diferença", enfatizou. E citou o exemplo de Josué a Calebe. **M**

HUMOR

Tempos Modernos



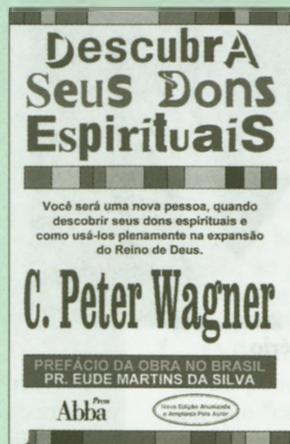
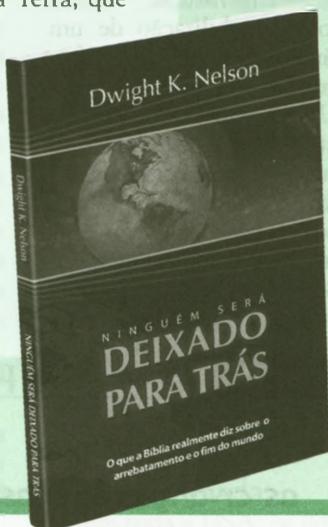
Apuritas Pastores/Campbell/Madriena Tring

NINGUÉM SERÁ DEIXADO PARA TRÁS –

Dwight K. Nelson, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, CEP 18270-970 Tatuá, SP; tel. 0800-990606; www.cpb.com.br 124 páginas.

A série *Deixados Para Trás* – seguida de um vídeo e de um filme exibido nos cinemas – foi um sucesso extraordinário e captou a atenção de multidões em todo o mundo. Mas neste livro, claro, bíblico e fácil de ler, o Pastor Dwight Nelson, da igreja da Universidade Andrews, Estados Unidos, examina o evento central apresentado na série, ou seja, o arrebatamento de milhões de cidadãos da Terra, que desaparecem instantaneamente, em um rapto secreto, deixando para trás milhões de pessoas que, chocadas e confusas, tentam compreender esse desaparecimento de familiares, amigos e colegas de trabalho.

Aqui está o que a Bíblia realmente ensina sobre a volta de Jesus.



DESCUBRA SEUS DONS ESPIRITUAIS –

C. Peter Wagner, Abba Press Editora e Divulgadora Cultural Ltda., Rua do Mar, 20, CEP 04654-060 São Paulo, SP; telefex (11) 246-7046; 326 páginas.

Mais de 30 anos de experiência, estudos e pesquisas permitiram ao Dr. C. Peter Wagner produzir um livro sobre os dons espirituais. Este livro equivale a um curso completo sobre o significado, percepção e uso dos dons concedidos por Deus, através do Espírito Santo, a todos quantos desejam viver como discípulos de Cristo. Pastores e membros de igrejas serão novas pessoas ao descobrirem, com clareza, quais são os seus dons e como utilizá-los na expansão do reino de Deus na Terra.

VEJA NA INTERNET

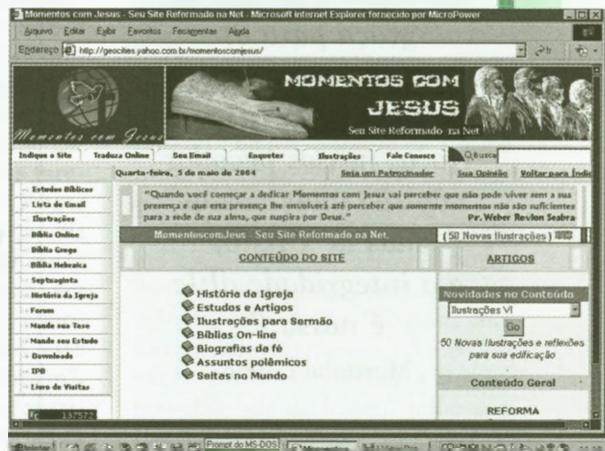
<http://geocities.yahoo.com.br/momentoscomjesus>

O site Momentos com Jesus é bem simples na sua apresentação visual; tem uma navegação um pouco confusa, que exige a utilização das setas do teclado, além do mouse, e de vez em quando clicar no botão “Voltar ao índice”; mas a quantidade e a qualidade do material disponibilizado, quase todo ele em português, compensa o trabalho de busca.

O índice que fica no centro da tela, com o título “Conteúdo do site” dá acesso à maior parte do conteúdo, que está aí classificado como: **História da Igreja** (contém textos gerais e alguns sobre eventos bem específicos), **Artigos e Estudos** (artigos teológicos, há também extenso material sobre a Reforma, e excelentes textos sobre o Louvor), **Ilustrações para Sermão** (grande quantidade), **Biografias** (veja principalmente a dos Homens de Deus), **Assuntos Polêmicos** (aí há uma mina de bons textos) e **Seitas do Mundo** (trata só das principais).

O menu que fica na coluna da esquerda dá acesso direto às **Bíblias** (em português, grego, hebraico e à Septuaginta em grego). No item **Downloads**, dá acesso a uma boa quantidade de bons artigos já zipados.

Isso é a internet cumprindo sua função de depósito de material para acesso gratuito e imediato – *Márcio Dias Guarda*





Os porquês da missão

Alejandro Bullón

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

O sonho de todo pastor é ver Cristo voltando, poder apresentar-lhe uma igreja “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante”, e ouvir dos lábios do Mestre: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor” (Mat. 25:23).

Todo pastor é consciente da missão que Deus lhe confiou. O perigo é confundir as coisas. É certo que a Igreja deve pregar o evangelho “a toda nação, tribo, língua e povo”, assim como é verdade que esse objetivo deve ser alcançado com a participação de cada membro: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas” (Atos 1:8). Mas pregar o evangelho simplesmente por pregar não é missão. “Deus poderia haver realizado Seu desígnio de salvar pecadores sem o nosso auxílio”,¹ diz Ellen White, e acrescenta: “Deus poderia ter proclamado Sua verdade por meio de anjos sem pecado.”²

A Bíblia é contundente ao afirmar que o ser humano poderia ser dispensável na pregação do evangelho. Jesus mesmo afirmou: “... se eles se calarem, as próprias pedras clamarão” (Luc. 19:40). Por que então Ele enfatizou a participação de cada filho Seu? Há pelo menos oito razões apresentadas por Ellen White. Vejamos:

É prova de verdadeira conversão. “O espírito de Cristo é espírito missionário. O primeiro impulso do coração regenerado é levar outros também ao Salvador.”³ “Não há pessoa verdadeiramente convertida que viva vida inútil e ociosa.”⁴

É o segredo do crescimento na vida cristã. “O único meio de crescer em graça é achar-se interessado em fazer exatamente a obra que Cristo nos ordenou fazer.”⁵

É o plano divino para desenvolver caráter semelhante ao de Jesus. “Deus poderia haver realizado Seu desígnio de salvar pecadores sem o nosso auxílio; mas a fim de desenvolvermos caráter semelhante ao de Cristo, é-nos preciso partilhar de Sua obra.”⁶

É o plano divino para fortalecer a fé. “Deve-se fazer na igreja uma obra bem organizada, para que seus membros saibam como comunicar a luz a outros e assim fortalecer a própria fé e aumentar o seu conhecimento. Ao repartirem o que de Deus receberam, firmar-se-ão na fé. A igreja que trabalha é igreja viva.”⁷

É o método de Cristo para promover um reavivamento saudável. “Coisa alguma proporcionará tanto vigor à vossa piedade, como trabalhar para promover a causa que professais amar, em vez de estorvá-la.”⁸

É o antídoto contra a dissidência e apostasia. “Muitos há que professam o nome de Cristo, e cujo coração não está empenhado em Seu serviço. Colocaram-se simplesmente numa profissão de piedade, e por esse mesmo ato aumentaram o tamanho de sua condenação, e se tornaram mais enganosos e mais bem-sucedidos agentes de Satanás, para a ruína de almas.”⁹

É o remédio para a mornidão espiritual. “Não há senão um remédio verdadeiro para a indolência espiritual, e esse é trabalhar – trabalhar pelas almas que necessitam de vosso auxílio.”¹⁰

É a melhor maneira de preparo para a volta de Cristo. “Estamos no tempo de espera. Mas este período não deve ser despendido em abstrata devoção. Esperar, vigiar e o atento trabalho, devem ser combinados.”¹¹

Se você, como pastor, sonha com uma igreja convertida, amadurecida na experiência cristã, que reflita o caráter de Jesus Cristo, fortalecida na fé e reavivada; se deseja ter uma igreja saudável, protegida contra a apostasia, faça com que cada membro participe da missão.

Eis aqui mais um conselho inspirado: “A melhor ajuda que os pastores

podem prestar aos membros de nossas igrejas não consiste em pregar-lhes sermões, mas em planejar trabalho para que o façam. Dai a cada um algo para fazer em prol de outros. ... Se postos a trabalhar, o desanimado logo esquecerá o seu desânimo; o fraco ficará forte; o ignorante, inteligente; e todos aprenderão a apresentar a verdade tal qual é em Jesus.”¹²

“O primeiro impulso do coração regenerado é levar outros ao Salvador.”

Referências:

¹ O Desejado de Todas as Nações, pág. 142.

² Atos dos Apóstolos, pág. 330.

³ O Grande Conflito, pág. 70.

⁴ Parábolas de Jesus, pág. 280.

⁵ Serviço Cristão, pág. 101.

⁶ O Desejado de Todas as Nações, pág. 142.

⁷ Testemunhos Seletos, vol. 3, pág. 68.

⁸ Serviço Cristão, pág. 98.

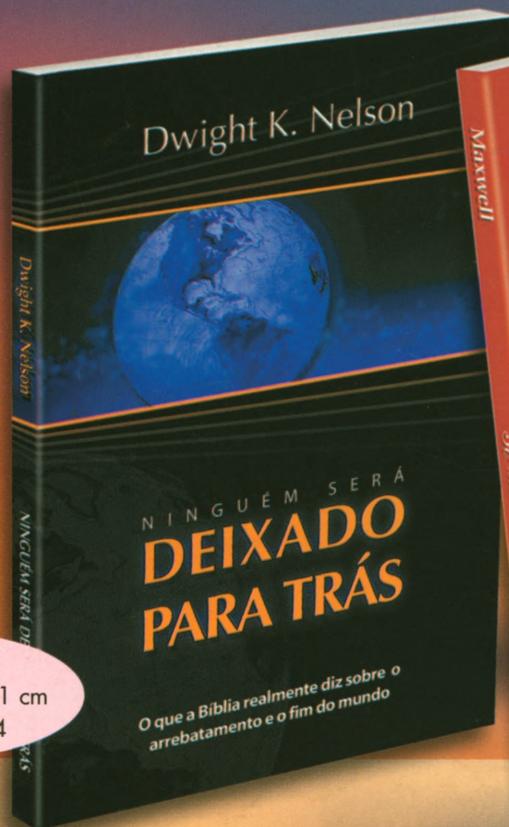
⁹ Ibidem, pág. 96.

¹⁰ Ibidem, pág. 107.

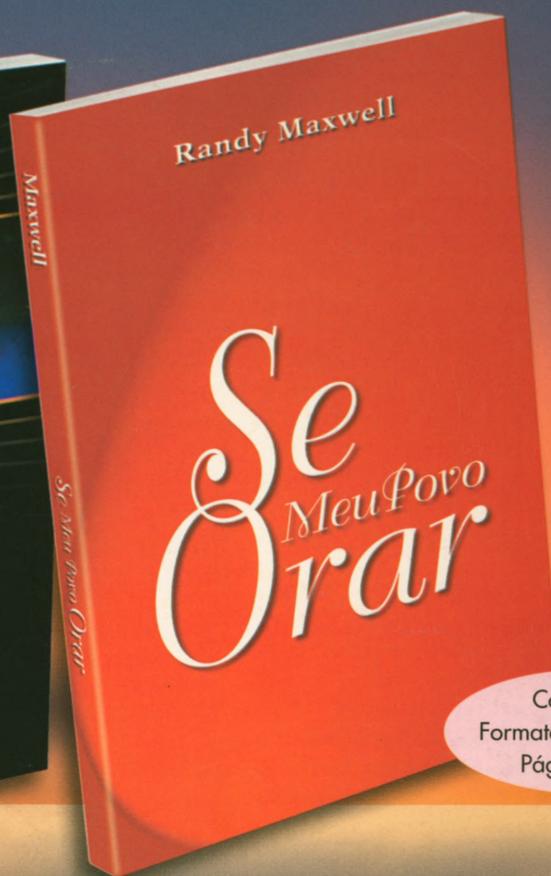
¹¹ Ibidem, pág. 85.

¹² Testemunhos Seletos, vol. 3, pág. 323.

Lançamentos da CASA indispensáveis para seu ministério e para sua igreja



Cód. 7827
Formato: 14 X 21 cm
Páginas: 124



Cód. 7788
Formato: 14 X 21 cm
Páginas: 172

O arrebatamento secreto tem-se popularizado muito nos últimos anos, sobretudo por influência da série de livros e do filme **Deixados Para Trás**. A questão é que vivemos num mundo que ignora muitas verdades bíblicas, e essa crença pode confundir as pessoas. Por isso, no livro **Ninguém Será Deixado Para Trás**, o teólogo Dwight K. Nelson analisa detalhadamente os textos bíblicos nos quais os defensores da crença do arrebatamento secreto se baseiam, mostra os problemas de interpretação e, principalmente, apresenta a verdade que a Bíblia traz sobre a volta de Cristo e o resgate dos escolhidos. Peça hoje este livro.

O que aconteceria em nossos lares, igrejas e comunidades se seguissemos o conselho de Deus em II Crônicas 7:14, se nos humilhássemos e orássemos? Esta pergunta é explorada e repondida por Randy Maxwell em **Se Meu Povo Orar**, o livro que tem tudo para despertar a paixão pela oração e abrir a porta para um novo relacionamento com Cristo. Peça já este livro e responda com fervor ao divino chamado à oração e ao reavivamento genuíno.

Para fazer seu pedido, ligue: 0800-990606*, acesse: www.cpb.com.br,
ou entre em contato hoje mesmo com o SELS de sua Associação.

*Sua chamada pelo 0800 é gratuita. Só recebemos ligações de telefones convencionais.

